

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIACADEMIA
MARISA APARECIDA SCHUCHTER**

**A AFEIÇÃO DOS PASTOS BROTAVA EM TEMPO DE FLOR:
NÍVEIS TRANSCULTURAIS NARRATIVOS EM O CORONEL E O LOBISOMEM,
DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO**

Juiz de Fora
2020

MARISA APARECIDA SCHUCHTER

**A AFEIÇÃO DOS PASTOS BROTAVA EM TEMPO DE FLOR:
NÍVEIS TRANSCULTURAIS EM O CORONEL E O LOBISOMEM,
DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO**

Dissertação apresentada ao Centro Universitário, UniAcademia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário, UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira, Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Prof. Dr. Alex Martoni

Juiz de Fora
2020

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia

S384

Schuchter, Marisa Aparecida,

A afeição dos pastos brotava em tempo de flor: níveis transculturais narrativos em O Coronel e o Lobisomem, de José Cândido de Carvalho, orientador Dr. Alex Martoni.- Juiz de Fora: 2020.
88 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2020.

1. Cosmovisão. 2. Linguagem. 3. O Coronel e o Lobisomem. 4. Plasticidade cultural. 5. Transculturação narrativa. I. Martoni, Alex, orient. II. Título.

CDD: B869.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

SCHUCHTER, Marisa Aparecida. **Título: A afeição dos pastos brotava em tempo de flor: níveis transculturais narrativos em O coronel e o lobisomem, de José Cândido de Carvalho.** Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, da UniAcademia – Centro Universitário, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura, realizada no 1º semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alex Martoni

ORIENTADOR

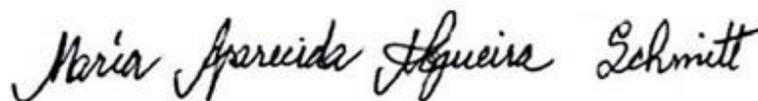
(UniAcademia – Centro Universitário)



Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira

MEMBRO CONVIDADO INTERNO

(UniAcademia – Centro Universitário)



Prof.ª Dra. Maria Aparecida Nogueira Schmitt

MEMBRO CONVIDADO EXTERNO

Universidade Federal de Juiz de Fora – (UFJF)

Dedico a presente dissertação a José Cândido de Carvalho, por presentificar o passado por meio do resgate das raízes culturais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero reforçar que a elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Àqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para que esta tarefa se tornasse uma realidade.

“Se eu quiser falar com Deus. Tenho que ficar a sós. Tenho que apagar a luz. Tenho que calar a voz. Tenho que encontrar a paz ...” (Gilberto Gil). Gostaria de agradecer a Deus por me guiar e iluminar o meu caminho para seguir em busca de meus objetivos, não desanimando com as dificuldades.

“Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento” (Adélia Prado). Agradeço à minha eterna mãezinha, Sebastiana Sheffer Schuchter, que mesmo não estando presente fisicamente, jamais será esquecida: sempre me motivando, e mostrando o quanto era importante estudar, não tendo tido ela a mesma oportunidade no passado. Com a sua meiguice e paciência me mostrou que tudo que se faz tem que ser regado de sentimentos e sensibilidade.

“Aquilo que o coração ama fica eterno” (Ruben Alves). Agradeço ao meu amado esposo Luiz Cláudio e aos meus maiores tesouros e amores: Víctor e Ayla, que fingem ser plateia para eu ensaiar as minhas apresentações e que me tranquilizam dizendo: “Está melhorando!”. Pelo apoio de sempre e amor incondicional de cada um de vocês em vários momentos, não só da vida acadêmica, como profissional e pessoal.

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses” (Rubem Alves). Agradeço ao colega Carlos Coelho Ribeiro Filho, por me provocar em relação à continuidade dos meus estudos, incentivando-me a esse retorno. E pelos ensinamentos diários.

“Quero viver do lado de gente humana, muito humana; que sabe rir dos seus tropeços, não se considera eleita antes da hora, não foge da sua mortalidade. E deseja tão somente o que é justo” (Rubem Alves). Para minha sobrinha, afilhada e filha do coração, Ana Luísa Schuchter Rofino, o meu muito obrigada, pelo afeto, torcida e incentivo, que muito me fortaleceram em diversos momentos.

“Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido” (Rubem Alves). Aos meus amigos, principalmente: Tania Aparecida Elpes Almeida Lopes e aos meus familiares, pela ternura, camaradagem e carinho valiosos.

“Deus queria mostrar aos humanos que a alegria podia ser gratuita. E assim criou os cães!” (Humberto Salla). Agradeço ao meu cachorrinho, o Kadu, por sempre permanecer ao meu lado, mesmo que dormindo, durante todo o desenvolvimento do meu trabalho acadêmico.

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” (Cora Coralina). Agradeço aos demais professores que com primazia e cuidado conduziram maravilhosamente esse processo com seus ensinamentos, são e serão muito importantes para mim e para a minha vida profissional, assim como agradeço aos funcionários do Programa de Mestrado em Literatura Brasileira do Centro Universitário UniAcademia, de Juiz de Fora, que fazem com que tudo funcione da melhor forma possível.

“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro” (Rubem Alves). Agradeço a todos os colegas que vivenciaram os momentos de estudo no decorrer dessa jornada.

“Não se pode falar de educação sem amor” (Paulo Freire). Quero agradecer ao professor Édimo de Almeida Pereira pela divulgação e referências ao Programa do Mestrado em Letras do Centro Universitário UniAcademia.

“O valor das pessoas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis” (Fernando Pessoa). À minha primeira orientadora, Maria Aparecida Nogueira Schmitt, pela doçura, paciência e carinho, ao me conduzir e me presentear com essa obra, **O coronel e o lobisomem**, pela qual me apaixonei e com a qual resolvi trilhar esse caminho de construção e conhecimento, em um profundo mergulho nas águas da transculturação narrativa. Sinto sempre seu abraço transculturador. Minha eterna gratidão a essa mulher, profissional e ser humano ímpar.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (Paulo Freire). Quero agradecer ao meu professor e orientador, Alex Martoni, pela afabilidade com que me recebeu, já com o processo em andamento e pela gentileza que me

dispensou sempre que o procurei. Pelos conhecimentos transmitidos e pela sua disponibilidade irrestrita; a sua leveza, profissionalismo e simplicidade fizeram dos nossos encontros/orientações momentos valiosos e regados de grandes aprendizagens. Dívida eterna com essa pessoa e profissional que se impregna de ensinamentos.

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos” (Rubem Alves). Aos membros da banca: Édimo de Almeida Pereira e Maria Aparecida Nogueira Schmitt, pela leitura da dissertação e pela preciosa cooperação e disponibilidade para o diálogo e sugestões.

*Tenho em mim todos os sonhos do
mundo.*
Fernando Pessoa

RESUMO

SCHUCHTER, Marisa Aparecida. **A afeição dos pastos brotava em tempo de flor:** níveis transculturais narrativos em *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro Universitário UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

A abordagem crítica do romance **O coronel e o lobisomem** (1964), do escritor José Cândido de Carvalho, sob a ótica da transculturação narrativa proposta pelo uruguaio Ángel Rama, constitui o escopo deste estudo. Em sua formulação teórica, o crítico cunha categorias que permitem a análise de obras de ficção que registram a plasticidade cultural dos códigos de contato dos diferentes grupos culturais latino-americanos. Em **O coronel e o lobisomem** (1964), o narrador-personagem, coronel Ponciano de Azeredo Furtado, transita entre o meio rural e a cidade, atuando como veículo autoral para transportar a diversidade de costumes e de registros linguísticos recolhidos da ancestralidade e empregados como matéria-prima para uma obra de ficção que se nutre da plasticidade cultural. Quanto aos três níveis da transculturação narrativa, o da linguagem atua na consolidação dos propósitos de inclusão de vozes em **O coronel e o lobisomem** (1964), ao presentificar o passado por meio do resgate das raízes culturais. Com estilo muito próprio, José Cândido de Carvalho, na valorização das culturas locais, aponta para a diversidade das regiões que apresentam suas respectivas peculiaridades em interpenetração. Quanto ao nível da estruturação narrativa na obra carvalhiana, assinala-se a desconstrução da linearidade por meio da voz narrativa que, muitas vezes, se subdivide por intermédio do monólogo interior, na linha do fluxo da consciência, cuja fonte é o narrar espontâneo. No nível da cosmovisão, a obra está centrada nos relatos míticos, a partir do repertório fabuloso da cultura do interior. Este trabalho tem por objetivo analisar em que medida a incorporação de diferentes tradições linguísticas e de cosmovisão nos ajuda a pensar sobre o processo de construção da cultura brasileira. É com essa perspectiva que buscaremos refletir sobre os estudos e a proposta de Ángel Rama, no sentido de que a transculturação narrativa possibilita o entendimento de uma literatura em que a desconstrução de fronteiras culturais constitui uma conquista do reconhecimento e da aceitação das diferenças regionais apresentadas no idioma e na literatura.

Palavras-chave: Cosmovisão. Linguagem. *O coronel e o lobisomem*. Plasticidade cultural. Transculturação narrativa.

RESUMEN

El enfoque crítico de la novela **O coronel e o lobisomem** (1964), del escritor José Cândido de Carvalho, desde la perspectiva de la transculturación narrativa propuesta por el uruguayo Ángel Rama, constituye el alcance de este estudio. En su formulación teórica, el crítico utiliza categorías que permiten el análisis de obras de ficción que registran la plasticidad cultural de los códigos de contacto de diferentes grupos culturales latinoamericanos. En **O coronel e o lobisomem** (1964), el personaje narrador, coronel Ponciano de Azeredo Furtado, transita entre el campo y la ciudad, actuando como un vehículo autoritario para transportar la diversidad de costumbres y registros lingüísticos recopilados de ancestros y empleados como materia prima para una obra de ficción que se alimenta de la plasticidad cultural. En cuanto a los tres niveles de transculturación narrativa, el del lenguaje actúa para consolidar los propósitos de incluir voces en **O coronel e o lobisomem** (1964), haciendo presente el pasado a través del rescate de raíces culturales. Con su propio estilo, José Cândido de Carvalho, en la valorización de las culturas locales, señala la diversidad de las regiones que presentan sus respectivas peculiaridades en la interpenetración. En cuanto al nivel de estructuración narrativa, en la obra de carvalhiana, se observa la deconstrucción de la linealidad a través de la voz narrativa, que a menudo se subdivide a través del monólogo interior, en línea con el flujo de conciencia, cuya fuente es la narración espontánea. A nivel cosmovisión, el trabajo se centra en relatos míticos, basados en el fabuloso repertorio de la cultura del interior. El objetivo de este trabajo es analizar en qué medida la incorporación de diferentes tradiciones lingüísticas y de cosmovisión nos ayuda a pensar sobre el proceso de construcción de la cultura brasileña. Es dentro de esta perspectiva que buscaremos reflexionar sobre los estudios y la propuesta de Ángel Rama, en el sentido de que la transculturación narrativa permite la comprensión de una literatura en la que la deconstrucción de las fronteras culturales es un logro del reconocimiento y la aceptación de las diferencias regionales presentadas en el Lengua y literatura.

Palabras clave: Cosmovisión. Idioma. O coronel e o lobisomem. Plasticidad cultural. Transculturación narrativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ÁNGEL RAMA: TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA E LITERATURA REGIONALISTA NA AMÉRICA LATINA	15
2.1 ÁNGEL RAMA E A PROBLEMÁTICA ENTRE LOCAL E UNIVERSAL NA LITERATURA LATINO-AMERICANA	16
2.2 TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA: UMA PROPOSTA TEÓRICA	22
2.3 TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA E O REGIONALISMO BRASILEIRO	25
2.3.1 Transculturação narrativa no regionalismo brasileiro	25
2.3.2 José Cândido de Carvalho: um transculturador	31
2.3.3 O regionalismo de O coronel e o lobisomem	33
3 PROCESSOS TRANSCULTURAIS EM O CORONEL E O LOBISOMEM: LINGUAGEM, CULTURA E PODER	38
3.1 A LINGUAGEM EM O CORONEL E O LOBISOMEM	38
3.1.1 Traços de oralidade	39
3.1.2 Escolhas lexicais	41
3.1.3 Neologismos	45
3.2 TRANSCULTURAÇÃO NO NÍVEL DA LINGUAGEM COMO AÇÃO POLÍTICA	46
3.2.1 Linguagem, cultura e poder	46
3.2.2 Linguagem, poder, transculturação	49
4 PROCESSOS TRANSCULTURAIS EM O CORONEL E O LOBISOMEM: COSMOVISÃO E CULTURA	59
4.1 OS MITOS EM O CORONEL E O LOBISOMEM	59
4.2 A INCORPORAÇÃO DO MITO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA EM O CORONEL E O LOBISOMEM	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo abordar a dimensão política dos processos transculturais empreendidos por José Cândido de Carvalho, em **O coronel e o lobisomem** (1964), nos níveis da linguagem e da cosmovisão. O romance do autor fluminense nos conta a história do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, fazendeiro do interior do estado do Rio de Janeiro que, ao transitar entre os ambientes rural e urbano, permite-nos refletir sobre os processos de sincretismo cultural e linguístico que permeiam ambos os locais. Em sua obra, Carvalho recupera e reinventa a tradição oral, apropria-se de diferentes registros de cosmovisão a fim de amearhar matéria-prima para uma obra fortemente nutrida pela plasticidade cultural.

A fundamentação deste estudo terá como aporte teórico a proposta da transculturação narrativa de Ángel Rama. O crítico uruguaio propõe o conceito de transculturação narrativa, a fim de analisar o conjunto de obras de ficção modernas que registram a plasticidade cultural dos códigos de contato dos diferentes grupos culturais latino-americanos. O termo **transculturação** lhe veio de empréstimo do antropólogo cubano Fernando Ortiz, que, em 1940, questionou o termo **aculturação**, propondo o vocábulo **transculturação** para expressar com mais propriedade o processo transitivo de uma cultura à outra. A partir dos pressupostos teóricos de Ángel Rama, pretendemos avaliar em que medida a incorporação de diferentes tradições linguísticas e de cosmovisão nos ajuda a pensar o processo de construção da cultura brasileira e suas implicações políticas.

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), o processo de transculturação narrativa pode ser observado em três níveis: o da estruturação narrativa, o da linguagem e o da cosmovisão, embora este trabalho busque se debruçar particularmente sobre os dois últimos. No que tange ao nível da linguagem, é importante destacar que, ao longo do romance, perfilam-se vários procedimentos que atestam o caráter inovador da escrita desenvolvida por José Cândido de Carvalho, como a construção de neologismos, a transcrição de traços de oralidade, a incorporação de clichês, provérbios, gírias e expressões idiomáticas, entre outros. Já no que diz respeito ao nível da cosmovisão, é importante assinalar como a obra de José Cândido de Carvalho é entrecortada por um conjunto de relatos míticos, resgatados das tradições, crenças e lendas populares. Em decorrência disso, os mitos passam a atuar como

elementos desencadeadores da consciência social, ao indiciarem comportamentos éticos individuais e coletivos. Com essa perspectiva, colocamos em relevo, ao longo deste trabalho, os desdobramentos políticos dos processos de transculturação nos níveis da linguagem e da cosmovisão.

Na seção 2, **Ángel Rama**: transculturação narrativa e literatura regionalista no Brasil, apresentamos a abordagem crítica deste pensador e a sua proposta teórica, assim como a relação entre a transculturação narrativa e a problemática entre o local e o universal na literatura brasileira. Ao final, destacamos onde José Cândido de Carvalho se situa nesse debate, assim como também descrevemos o enredo e a recepção de **O coronel e o lobisomem** (1964).

Na seção 3, **Processos transculturais em O coronel e o lobisomem**: linguagem, cultura e política, buscamos analisar o nível da linguagem como resgate e reinvenção dos falares regionais. Na medida em que o romance produz uma tessitura textual calcada em uma costura de diferentes operações linguísticas, tais como transcrição de traços de oralidade, construção de neologismos e incorporação de expressões e frases-feitas oriundas da fala regional, propomos uma reflexão sobre o modo como há um processo concomitante de incorporação da norma padrão e de subversão da mesma, o que nos permite pensá-las sob a luz dos processos de transculturação narrativa, abordagem que nos abre, também, a possibilidade de pensá-las em sua dimensão política.

Na seção 4, **Processos transculturais em O coronel e o lobisomem**: cosmovisão e cultura, apresentamos o nível da cosmovisão como fator de superação dos mitos tradicionais, pois, ao longo de toda a sua obra, José Cândido de Carvalho nos oferece um inventário de conjunto de mitos oriundos de diferentes culturas que se hibridizam ao circularem pelas tradições orais de diferentes regiões do Brasil. Destarte, procuraremos mostrar, a partir do desvelamento do caráter político da alegoria do lobisomem, em que medida o romance pode ser pensado da perspectiva do **realismo maravilhoso** latino-americano, tal como ele foi descrito por Irlemar Chiampi.

Ao final, buscaremos mostrar a relevância do romance de José Cândido de Carvalho no espectro da literatura contemporânea brasileira, pela forma singular como o autor fluminense realiza aquilo que Ángel Rama, por meio do termo transculturação narrativa, entende como uma desconstrução das fronteiras culturais presentes no processo de formação da América Latina, elaborando um romance que hibridiza as

diversas tradições linguísticas e os distintos sistemas de cosmovisão que o constituem, concomitantemente se utilizando de estratégias que revelam como o romance **O coronel e o lobisomem** apresenta, sub-repticiamente, uma posição ética, na medida em que se constitui como objeto de reflexão sobre as questões socioeconômicas e políticas que acometem a população brasileira desde o período colonial.

2 ÁNGEL RAMA: TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA E LITERATURA REGIONALISTA NA AMÉRICA LATINA

Desde o início do século XX, a emergência dos movimentos de vanguarda provocou uma forte necessidade de revisão dos modos de representação, tanto do passado histórico quanto da cultura nacional. No que diz respeito, mais especificamente, à América Latina, autores como Oswald de Andrade e Rubén Darío, entre outros, buscaram novas categorias a partir das quais se pudesse pensar a experiência cultural de países que, ao passarem pela experiência colonial, tiveram que operar no nível de uma complexa negociação entre a imposição e a adaptação literária, como nos mostrou Antonio Candido (1975). Segundo o crítico paulista, “Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas” (CANDIDO, 2000, p. 119). É nesse sentido que, de acordo com o sistema desenvolvido por Candido – que será tão caro à formação do pensamento de Ángel Rama –, a história da literatura brasileira deve ser pensada na perspectiva de um progressivo processo de adaptação dos modelos europeus então impostos às realidades étnicas e culturais que aqui se formam.

No que diz respeito particularmente à literatura regionalista, houve a consolidação de novas gerações de escritores, que tanto buscaram propor, a partir do romance, uma investigação crítica sobre as raízes históricas da iniquidade social brasileira (Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego, no caso do Brasil) quanto, a partir de meados dos anos 1940, começaram a constituir uma literatura que assimilava, de forma muito própria, o legado das vanguardas, a fim de contemplar um novo modo de representar a realidade brasileira, entre o local e o universal, entre o real e o maravilhoso, como Guimarães Rosa, Gabriel García Márquez e José María Arguedas.

Nesta seção, pretende-se, em primeiro lugar, expor o contexto histórico que se ofereceu como um solo fértil para o desenvolvimento das ideias de Ángel Rama. Para tal, apresenta-se um percurso intelectual do ensaísta uruguaio, dedicando-se especial atenção aos aspectos concernentes ao conceito de transculturação narrativa. Em seguida, busca-se pensar a literatura regionalista brasileira voltada, sobretudo, a localizar o lugar de **O coronel e o lobisomem** dentro dessa tradição.

2.1 ÁNGEL RAMA E A PROBLEMÁTICA ENTRE LOCAL E UNIVERSAL NA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Os modernistas latino-americanos, a partir do século XX, se debruçaram sobre os problemas relativos às suas especificidades identitárias, artísticas e culturais. No **Manifesto antropófago** (1928), Oswald de Andrade defende e propõe uma reflexão sobre a dependência cultural brasileira, alertando para a necessidade de conferir uma atenção e um cuidado ao processo de assimilação das influências culturais externas. Nesse sentido, o manifesto propunha a deglutição seletiva dos valores culturais europeus e a fricção dos mesmos à própria realidade sincrética do país, fruto do encontro entre as tradições culturais europeia, africana e indígena. Beatriz Sarlo, em **Modernidade periférica** (2010), destaca como, nos anos 1920, a cidade de Buenos Aires vivia sob o impacto de uma modernização que era articulada a uma tradição autóctone, na pintura de Xul Solar, que, de acordo com a ensaísta, “Inventou o neocriollo, a panlândia, a escrita pictórica; trouxe a Buenos Aires, segundo Borges e Pellegrini, o expressionismo alemão e Paul Klee” (SARLO, 2010, p. 31) e onde também se falava “uma língua geral, um jargão *cocoliche* (mistura de espanhol e italiano) de porto de imigração” (SARLO, 2010, p. 30, grifos da autora). É, justamente, sob o influxo dessas transformações no âmbito das práticas culturais e intelectuais que emerge o pensamento do intelectual e crítico uruguaio Ángel Rama.

Nascido em Montevideu, em 1926, o pensador uruguaio buscou, por meio de sua obra, refletir profundamente sobre as intersecções entre a imposição da tradição cultural europeia e a sua adaptação às configurações culturais da América Latina, tendo em vista que estas receberam forte influxo das culturas nativas e da tradição africana. Rama foi um observador arguto do impacto que a chegada das vanguardas literárias europeias provocou nessas tradições locais latino-americanas, o que o motivou a escrever diversos ensaios críticos.

Sua entrada nesse debate se deu a partir de uma incursão pela obra de Rubén Darío. O que Rama particularmente buscava compreender, a partir da obra do poeta nicaraguense, era como se poderia pensar sobre o processo de formação das literaturas latino-americanas tendo em vista o problema – também apontado por Antonio Candido – da articulação entre o “cosmopolitismo e regionalismo” (CANDIDO,

2003, p. 149). Nesse sentido, em **Rubén Darío y el modernismo** (1985), Rama afirma que:

Para entender a tarefa fundacional de Darío, vislumbrando, ao mesmo tempo, a conflitualidade do modernismo, deve-se vê-la à luz das condições da época em que ele viveu [...]. Imerso em uma época de mudanças rápidas, devia se orientar de acordo com as propostas que elas ofereciam. Ninguém escolhe algo fora do tempo¹ (RAMA, 1985, p. 19)².

Esse caráter irremediavelmente histórico da literatura, conforme aponta Rama, é, na perspectiva de Roseli Barros Cunha, na obra **Transculturação narrativa**: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama (2007), um elemento central para se pensar o trabalho do ensaísta uruguaio acerca da obra de Darío:

Rama particulariza a questão quando exemplifica, em *Rubén Darío y el modernismo* (1985c, p. 5), escrito na década de 70, que o autor hispano-americano, ao mesmo tempo em que deseja fortalecer a idéia de autonomia da literatura produzida em um “orbe cultural próprio”, também procura uma “*aceptación de la participación de esta nueva literatura en el conglomerado mayor de la civilización europea*”, ou seja, cria novamente uma relação que não poderia, necessariamente, ser tomada como de dependência, mas de uma tentativa de inserção em condições de igualdade. Mas a contradição que seria própria da literatura e cultura modernas passa a ser tratada como especificidade histórica por Rama, ao tomar a problemática para a literatura hispano-americana (CUNHA, 2007, p. 50, grifos da autora).

A obra de Darío se oferece a Rama como um lugar de reflexão sobre o caráter híbrido das experiências literárias latino-americanas do início do século XX. Na perspectiva de Cunha, esse processo se dá por meio de um trinômio:

Com o crescimento da imprensa, com o aumento quantitativo e qualitativo do público leitor, seria possível formar a base do trinômio “autor, obra e público”. Ángel Rama demonstra, portanto, que tal trinômio não existia ainda quando Rubén Darío e os poetas modernistas começaram a escrever, mas que teriam sido eles os responsáveis pelo início da formação do sistema (CUNHA, 2007, p. 48, grifo da autora).

¹Para entender la tarea fundacional de Darío, avizorando al mismo tiempo la conflictualidad del modernismo, debe vérsese a la luz de las condiciones de la época que vivió. [...] Inmerso en una época de cambio rápido, debía orientarse y optar de acuerdo a las diversas propuestas que ella hacía. Nadie elige fuera de su tiempo (RAMA, 1985, p. 19).

² Todas as traduções da língua espanhola para a língua portuguesa nesta dissertação apresentadas são traduções nossa.

Cabe salientarmos que, conforme se evidencia em seu trabalho com Darío, Rama encontrou na literatura um lugar de reflexão e análise sobre as criações das obras literárias. Nesse sentido, o crítico uruguaio aponta que um dos papéis do intelectual seria o entendimento das construções dos diversos matizes culturais latino-americanos.

As intuições de Rama acerca do processo de formação das literaturas latino-americanas, como temos enfatizado, ganham impulso decisivo a partir do seu contato com Antonio Candido. Seu encontro com o crítico brasileiro se deu por meio de um curso de verão centrado em autores nacionais, oferecido por Candido na *Universidad de la República*, em 1960, em Montevideu, Uruguai. Em cartas trocadas com Candido, o ensaísta uruguaio expõe a importância do pensamento do brasileiro em sua produção intelectual:

Meu interesse pela literatura brasileira foi expansão normal dentro dessa progressiva conquista das diversas áreas literário-culturais do continente [...] Em meu caso veio depois de minha apropriação da região andina e antilhana, antes mesmo de minha imersão na mexicana, e começou muito cedo, pelo fim dos anos 50 e começo dos 60, facilitada por dois admiráveis intelectuais brasileiros de quem me tornei amigo: Antonio Candido, primeiro, que conheci em Montevideu quando acabava de publicar seu admirável *Formação da Literatura Brasileira* (1959), cujas originais proposições teóricas tratei então de divulgar entre os hispano-americanos em artigos em *Marcha*, e Darcy Ribeiro, que se mudou para Montevideu em 1964 [...] (RAMA apud ROCCA, 2018, p. 7, grifo do autor).

Essa aproximação entre os dois ensaístas foi fundamental não só no desenvolvimento do trabalho crítico de Rama, mas também no interesse do crítico uruguaio na divulgação da literatura brasileira no exterior. Desse modo, Rama buscava, em sua teoria, articular as especificidades culturais dos diferentes países latino-americanos dentro de um projeto comum que, conforme afirmam Flávio Aguiar e Joana Rodrigues na obra **Ángel Rama: um transculturador do futuro** (2013), consistia em projetar:

[...] a América Latina para o futuro, abrindo-lhe a perspectiva de ser uma resposta de dimensão secular a todos os processos sucessivos de conquista e dominação, na medida em que pudesse tornar-se um território de liberdade solidária com fundamento numa visão abrangente de suas homologias culturais, apesar de suas diferenças (AGUIAR; RODRIGUES, 2013, p. 34).

É nesse sentido que o ensaísta vai desenvolvendo modos de pensar esses lugares de encontro entre a cultura do colonizador e a do colonizado, com ênfase na forma como tal contato é fortemente marcado por fenômenos de síntese, mestiçagem e heterogeneidade. Rama desenvolve, então, como preocupação central, a investigação dos processos de integração entre os elementos da vanguarda europeia e os da cultura popular, gauchesca e indígena, tal como afirma na abertura de sua obra sobre Ruben Darío:

O que Rubén Darío se propôs foi praticamente o mesmo a que tenderam os últimos neoclássicos e primeiros românticos na época da independência: a autonomia poética da América espanhola como parte do processo geral de liberdade continental, o que significava estabelecer uma esfera cultural própria que poderia se opor ao espanhol materno, com uma aceitação implícita da participação desta nova literatura em um conglomerado maior da civilização europeia, que tinha suas raízes em um mundo greco-latino (RAMA, 1985, p. 9)³.

Ao longo de suas obras, é possível evidenciar que as incursões de Ángel Rama pela literatura e cultura latino-americanas estão circunscritas por uma dimensão política, à medida que o crítico tenta compreender como processos de imposição e adaptação cultural resultarão, ao fim, em uma forma de expressão estética bastante original.

Em sua última obra, **A cidade das letras** (1984), há um nítido deslocamento do interesse de Rama da dimensão política da literatura para o caráter político das próprias formas escritas. O ensaísta busca mostrar a relevância política da cultura letrada, com suas interações, diversidades, demarcações e conflitos. Dentro dessa perspectiva, Rama abrange temas urbanísticos, relacionando a sua organização espacial aos seus relevantes aspectos e elementos culturais, sociais e econômicos a fim de dar fundamento à principal questão sobre a qual discorre o livro: o modo como o domínio das formas escritas consolida e justifica a ordem e o poder, conforme afirma o intelectual:

³ El que Rubén Darío se propuso fue prácticamente el mismo a que tendieron los últimos neoclásicos y primeros románticos de la época de la independencia: la autonomía poética de la América española como parte del proceso general de libertad continental, lo que significaba establecer un orbe cultural propio que pudiera oponerse al español materno, con una implícita aceptación de la participación de esta nueva literatura en el conglomerado mayor de la civilización europea, que tenía sus raíces en el mundo grecolatino (RAMA, 1985, p. 9).

Uma cidade, previamente à sua aparição na realidade, devia existir numa representação simbólica que obviamente só podia assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação de normas e, subsidiariamente, os diagramas gráficos, que as desenhavam nos planos, ainda que, com mais frequência, na imagem mental que desses planos tinham os fundadores, os que podiam sofrer correções derivadas do lugar ou de práticas inexpertas. Pensar a cidade competia a esses instrumentos simbólicos que estavam adquirindo sua pronta autonomia, que os adequaria ainda melhor às funções que lhes reclamava o poder absoluto (RAMA, 1984, p. 29).

O trabalho de Rama, portanto, parece se organizar em torno de uma preocupação fundamental que diz respeito ao modo como estruturas de poder são armadas em torno das formas escritas, ao passo que a própria realidade cultural multifacetada da América Latina provocou um tensionamento no projeto das elites, como uma espécie de ato de resistência. No centro desse debate, a literatura desempenhou papel fundamental como forma de mediação cultural. É nesse sentido que o esforço de Rama se dirigiu para tentativas de descrição desse fenômeno tão complexo que denominou **transculturação narrativa**. O crítico encontrou tal enquadramento teórico a partir da importação de um conceito antropológico: o de **transculturação**. Esse termo foi originalmente cunhado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, que, em sua obra **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar** (2002), destaca que a cana e o tabaco são os elementos que contribuíram para o crescimento e o fortalecimento da economia cubana. Ortiz faz, particularmente, um contraponto entre esses dois principais produtos agrícolas. O autor evidencia e intensifica as características e o contraste entre o açúcar e o tabaco, como fórmula poética e com uma grande originalidade para descrever um povo, destacando suas diferenças raciais e sociais. Lívia de Freitas Reis ressalta, no artigo **Transculturação e transculturação narrativa** (2012), que essa concepção designa o encontro dos povos e as fases do processo de trânsito de uma cultura a outra. Reis aponta que a grande motivação e interesse de Ortiz como antropólogo e sociólogo, se deram em relação a “[...] cultura negra que, transplantada da África, floresceu em Cuba, gerando inúmeros fenômenos culturais” (REIS, 2012, p. 467). Esse processo envolve os modos como as culturas negras, cujos membros foram utilizados como mão de obra para fomentar o engrandecimento e progresso econômico em Cuba, reagem ao modelo de imposição cultural europeu.

De acordo com Aguiar e Rodrigues (2013) a construção desse conceito tem por objetivo cunhar um termo alternativo à desgastada noção de **aculturação**:

Pelo conceito de aculturação, culturas dominantes e hegemônicas assimilariam, quase sem se modificar, elementos de culturas subalternas e remetidas a uma espécie de “passado da humanidade”. Pelo de transculturação as culturas dominantes, ao se proporem a “absorver” outras culturas, também se modificariam (AGUIAR; RODRIGUES, 2013, p. 41-2, grifo dos autores).

Foi justamente essa formulação do autor cubano que permitiu que Rama desenvolvesse um conjunto de categorias para pensar o problema da formação da literatura latino-americana no século XX. Rama se debruçou, profundamente, sobre o problema do impacto das vanguardas na tradição literária latino-americana. Parece-nos que o teórico buscava arduamente um modo de compreensão das novas modalidades híbridas das literaturas moderna e contemporânea na América Latina, conforme afirma Reis (2012),

Podemos localizar a contribuição de Ángel Rama, no artigo **Los procesos de transculturación en la narrativa Latinoamericana**, de 1974, e no livro **La transculturación narrativa en Latinoamérica**, de 1982. Em ambos os textos, o crítico uruguaio desenvolve um aparato teórico que dá sustentação à sua reflexão sobre a narrativa do continente no século XX. O ponto de partida de Rama, tanto no artigo, quanto no livro, é a descrição e discussão do conflito entre vanguardismo (modernismo) e regionalismo (REIS, 2012, p. 469, grifos da autora).

Os estudos desenvolvidos por Rama, defendem, portanto, que a literatura é o resultado das manifestações culturais, acolhendo uma América Latina em sua totalidade e autonomia, respeitando as singularidades regionais em suas constantes permutações e transformações: *“Las obras literarias no están fuera de las culturas sino que la coronan y en la medida en que estas culturas son invenciones seculares o multitudinarias hacen del escritor un productor que trabaja con las obras de innumerables hombres”* (RAMA, 2008, p. 24) ⁴.

Cunha (2007), destaca que para o crítico uruguaio, o produtor cultural no pertencimento ao mercado literário, seria a ponte e o elo “[...] entre uma cultura culta letrada mais urbana e a outra mais popular oral e de uma região mais interna” (CUNHA, 2007, p. 319). Segundo Rama: “Chamamos ‘literatura’ [a] uma criação estética que promove o desenvolvimento histórico de uma sociedade graças a um conjunto de escritores que agem e a ela se dirigem” (RAMA apud ROCCA, 2018, p.14).

⁴“As obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens” (RAMA, 2008, p. 24).

A partir dessa premissa, Rama propõe, com os seus estudos sobre a transculturação narrativa destacar, portanto, que os encontros entre as diferentes regiões, territórios e povos apontam e reforçam a aproximação das culturas internas e externas, e propiciam a formação de um discurso literário marcado pela heterogeneidade:

A solução de intermediação é a mais comum: lançar mão dos aportes da modernidade, revisar, à luz dos mesmos, os conteúdos culturais regionais e, com umas e outras fontes, compor um híbrido que seja capaz de seguir transmitindo a herança recebida. Será uma herança renovada, mas que, contudo possa se identificar com o seu passado. Nos grupos regionalistas plásticos, acentua-se o exame das tradições locais, que estavam se esclerosando, para revitalizá-las. Não podem renunciar a elas, mas podem revisá-las à luz das transformações modernistas, elegendo aqueles componentes que podem se adaptar ao novo sistema em curso (RAMA, 2008, p. 35)⁵.

A fim de compreender, mais profundamente, as especificidades das categorias desenvolvidas por Rama, buscamos expô-las sistematicamente na próxima seção deste trabalho.

2.2 TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA: UMA PROPOSTA TEÓRICA

A noção de **transculturação narrativa**, desenvolvida por Rama, propõe um tipo de aproximação analítica com o objeto literário atenta a três aspectos que, na perspectiva do teórico, evidenciam o modo como os escritores modernistas latino-americanos tentam resolver o problema das articulações entre o local e o universal, entre as tradições culturais locais e os modelos e das técnicas oriundas das vanguardas europeias, a saber: os problemas concernentes à linguagem, à estrutura narrativa e à cosmovisão. Três níveis de análise se oferecem, justamente, como instrumento de compreensão dos aspectos assinalados em face às narrativas que os articulam, produzindo, dessa forma, uma síntese entre o universal e o particular de acordo com a tradição cultural latino-americana.

⁵La solución intermedia es la más común: echar mano de las aportaciones de la modernidad, revisar a la luz de ellas los contenidos culturales regionales y con unas y otras fuentes componer un híbrido que sea capaz de seguir transmitiendo la herencia recibida. Será una herencia renovada, pero que todavía puede identificar con su pasado. En los grupos regionalistas plásticos, se acentúa el examen de las tradiciones locales, que habían ido esclerosándose, para revitalizarlas. No pueden renunciar a ellas, pero pueden revisarlas a la luz de los cambios modernistas, eligiendo aquellos componentes que se pueden adaptar al nuevo sistema en curso (RAMA, 2008, p. 35).

No que concerne ao nível da língua, o processo de transculturação narrativa engloba os esforços de alguns escritores do modernismo latino-americano voltados a expandir e subverter as leis do sistema linguístico dominante. O escritor deve dialogar, abraçar e valorizar as peculiaridades linguísticas de uma determinada cultura e região, permitindo a expressão de diferentes formas de pensamento. Segundo Flávio Aguiar e Sandra Gardini T. Vasconcelos, na obra **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina** (2001), no processo de transculturação narrativa, o crítico literário, aponta para a questão da integração e aproximação dos escritores transculturadores com a obra e com o contexto social e político do lugar, concentrado e atento às especificidades culturais locais:

É o autor que se reintegra na própria comunidade linguística, falando a partir dela, com uso desembaraçado de seus recursos idiomáticos. Como, no caso concreto dos transculturadores, essa comunidade é de tipo rural, confinando às vezes com as de tipo indígena, é a partir de seu sistema linguístico que trabalha o escritor que não procura imitar de fora uma fala regional, mas sim elaborá-la de dentro com finalidades literárias (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 220).

Um segundo nível destacado por Rama diz respeito à estrutura narrativa, ou seja, o escritor busca compreender a importância dos aspectos concernentes ao processo narrativo, tendo em vista a plasticidade oferecida pela língua. Como observa Reis (2012), “Rama define como ‘plasticidade cultural’ de uma produção literária, que integra as novas estruturas formais sem recusar as próprias tradições. Esta proposta é o que ele vai chamar de literatura de transculturação” (REIS, 2012, p. 470, grifos da autora). Esse aspecto nos permite refletir sobre a hibridação presente nos romances que apresentam experiências na ordem da transculturação, como os de João Guimarães Rosa (1908-1967), Gabriel García Márquez (1928), Juan Rulfo (1918-1986) e José María Arguedas (1919-1969). A transculturação realizada por esses autores é, efetivamente, um trabalho voltado à hibridização, no interior da narrativa, do local e do universal, do arcaico e do moderno, do tradicional e do vanguardista.

O terceiro nível, o da cosmovisão, é apresentado por Rama como aquele que “Restabelece um contato fecundo com as fontes vivas, que são inextinguíveis da invenção mítica em todas as sociedades humanas, mas ainda mais alertas em

comunidades rurais” (RAMA, 2008, p. 62)⁶. A cosmovisão se apresenta como uma importante vereda interpretativa, pois sua incorporação no plano das narrativas escritas significa a assimilação de vivências, memórias afetivas e experiências míticas que transitam em um determinado grupo, comunidade ou região e que são frutos e reflexo das heranças deixadas pelos seus ascendentes. Desse patrimônio cultural há sempre um retorno para os seus mananciais locais e dos quais são embebecidos e impregnados nas construções e composições das histórias individuais e coletivas de um povo, que luta para manter acesa a chama dos seus valores mais sagrados e valiosos.

É fundamental salientar que as operações de assimilação de mitos e lendas, como qualquer ato de apropriação, implica já transculturá-lo no próprio ato de incorporação dos mesmos, como assevera Cunha (2007):

Se em **Transculturación narrativa en América Latina** (1982a) o crítico uruguaio evidencia que os autores mediadores – ou seja, os transculturadores – teriam promovido uma volta, um repliegue, como ele diz, a valores mais específicos da cultura tradicional, rural, ele também alerta para o fato de que tais valores já estariam transculturados, isto é, já teriam sofrido um impacto modernizador, transformando-se e, dessa forma, encontrando-se mais fortalecidos para novos confrontos (CUNHA, 2007, p. 195, grifos da autora).

Ao conceber, portanto, as dimensões da narrativa, da linguagem e da cosmovisão como aquelas que nos permitem compreender os modos como os escritores modernistas latino-americanos articulam as tradições locais e as técnicas da vanguarda europeia, por meio dos planos da linguagem, da narrativa e da cosmovisão, Rama coloca em relevo um modo analítico que tenta compreender como processos históricos, sociais, culturais e políticos dão forma a uma literatura singular, de matiz totalmente novo dentro do cenário literário internacional e mesmo latino-americano.

⁶“Restablece un contacto fecundo con las fuentes vivas, que son las inextinguibles de la invención mítica en todas las sociedades humanas, pero aún más alertas en las comunidades rurales” (RAMA, 2008, p. 62).

2.3 TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA E O REGIONALISMO BRASILEIRO

Na medida em que as experiências realizadas no âmbito do regionalismo se oferecem como um profícuo *locus* de observação do fenômeno da transculturação narrativa, faz-se necessário uma reflexão sobre quando o regionalismo se tornou uma questão para a literatura brasileira e de que matizes ele tingiu a nossa própria história literária. Desse modo, nesta subseção, buscaremos, primeiramente, fazer um pequeno percurso panorâmico pelas diferentes tradições regionalistas na história da literatura brasileira para, em seguida, analisarmos o modo como a obra de José Cândido de Carvalho, o romance **O coronel e o lobisomem**, representa os diferentes espaços físicos, rural e cidade, nos quais ocorre a plasticidade dos códigos de contato dos diferentes grupos culturais. Assim, pretende-se mostrar como a obra de José Cândido de Carvalho se revela de grande produtividade para se pensar o fenômeno da transculturação narrativa.

2.3.1 Transculturação narrativa no regionalismo brasileiro

No Brasil, o primeiro influxo de uma literatura interessada nas especificidades locais se deu em meados do século XIX, quando o movimento romântico resolveu incorporar a flora, a fauna e os sentimentos locais no seu repertório temático. O problema que se impunha ao escritor naquele momento histórico era o de como elaborar uma literatura nacional. O indianismo, os romances históricos e regionalistas se constituíram como tentativas de responder a esse problema. Ao refletir sobre a relevância do poeta Gonçalves Dias e do prosador José de Alencar, Antonio Candido afirma que ambos “[...] foram considerados pelos contemporâneos como realizadores de uma literatura que finalmente era nacional, porque manifestava a nossa sensibilidade e a nossa visão das coisas” (CANDIDO, 2003, p. 175). A obra regionalista romântica buscou, dentro desse horizonte, compreender e valorizar a diversidade na paisagem, nos costumes, na cultura e na linguagem de cada região do país. Essa atitude dos escritores estava em consonância com o projeto de construção de uma identidade nacional, que, desde a Independência, tornou-se uma necessidade e que ganhou impulso nos anos 1840, quando D. Pedro II é alçado ao poder.

O romance regionalista, se desvinculando de qualquer modelo literário já estabelecido, principalmente das matrizes europeias, traçou e percorreu a sua própria jornada, constituindo e inovando a nossa literatura, dando um passo decisivo e marcando a cultura brasileira com um trabalho autônomo e autêntico, conforme assevera Walnice Nogueira Galvão no livro **Guimarães Rosa** (2000): “O regionalismo foi uma manifestação literária que em parte se opunha ao que ocorreria nas matrizes europeias, por isso reivindicando a representação da realidade local” (GALVÃO, 2000, p. 14). Foi justamente o ímpeto dos escritores brasileiros em produzir uma literatura de **cor local** que os fez pesquisar e incorporar, no nível descritivo de suas obras, as peculiaridades regionais, colocando em evidência as diferenças entre a escrita e a oralidade nos diferentes espaços geográficos, temporais e históricos, como formas de contribuir com o próprio processo de formação de uma identidade nacional. Investe-se, portanto, na noção de que, se a arte e a literatura são produtos da sensibilidade dos escritores, por meio delas que se formataria a realidade social do nosso país, constituindo uma expressão estilística mais próxima do povo brasileiro, tendo como inspiração, os indígenas e os mestiços, que representam a força do nativo como elemento distintivo, como a pincelada de **cor local** em nossa cultura.

A diversidade do país irá se oferecer como um grande manancial para a produção desses romancistas. José de Alencar, por exemplo, envereda-se pelas tradições das fazendas de café do interior de São Paulo, no romance **Til** (1872); já em **O sertanejo** (1875), o autor conduz os seus leitores para o interior do Ceará, mostrando a íntima relação entre o homem e o local em que vive, forma de articulação entre personagem e espaço que, como observa Galvão (2000), deu origem a uma forma do regionalismo: “Assim nasceu aquilo que se conhece como o primeiro regionalismo, subproduto do romantismo. Foi também chamado de sertanismo, porque trouxe o sertão para dentro da ficção, onde teria longa vida” (GALVÃO, 2000, p. 15). Contudo, é importante salientar que, a despeito de contribuir com um processo de investigação da realidade local, a incursão pelo regional proposta pelas obras regionalistas românticas, na perspectiva de Antonio Candido, em seu ensaio, **Literatura e subdesenvolvimento** (2003), propõe que:

[...] o que há de mais peculiar na realidade local, insinuando um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser na verdade um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade europeia o exotismo que ela

desejava, como desfastio; o que se torna desta maneira forma aguda de dependência na independência (CANDIDO, 2003, p. 156-157).

É com essa perspectiva que a **primeira fase** das manifestações literárias regionalistas no Brasil é marcada pelo elemento **pitoresco**, que é objeto de crítica por Antonio Candido, à medida em que esse elemento corresponderia a “[...] certas formas primárias de nativismo e regionalismo literário, que reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações de cor, um equivalente dos mamões e dos abacaxis” (CANDIDO, 2003, p.157). Já nas primeiras décadas do século XX, olhar para o regional passou a significar não uma exaltação pitoresca da nossa realidade, mas uma atitude de investigação de tonalidade fortemente determinista dos problemas do interior. É justamente no âmbito dessas produções que há a formação daquilo que pode ser compreendido como uma **segunda geração do regionalismo brasileiro**, conforme afirma Galvão (2000):

A essa altura, entre a primeira e a segunda leva regionalista, já estavam completados, e foi tarefa levada a cabo com empenho e escrupulo por pelo menos duas gerações de escritores, tanto o mapeamento da paisagem e das condições sociais, quanto o inventário dos tipos humanos que se espalhavam pela desconhecida vastidão do país: o caipira, o bandido, o jagunço, o caboclo, o cangaceiro, o vaqueiro, o beato, o tropeiro, o capanga, o garimpeiro, o retirante (GALVÃO, 2000, p. 16-17).

A virada do segundo para o terceiro decênio do século XX significou uma outra mudança substancial no recorte temático, nos modos narrativos e na linguagem dos romances regionalistas. Esse período foi marcado por um conjunto de transformações profundas nos contextos políticos, econômicos e sociais, em virtude do abalo no capitalismo provocado pela Crise de 29 e pela eclosão dos regimes totalitários por todo o mundo. Como aponta Galvão (2000): “[...] fascismo na Itália, Espanha e Portugal, nazismo na Alemanha, peronismo na Argentina, ditadura e Estado Novo de Getúlio Vargas no Brasil” (GALVÃO, 2000, p. 18). Nesse contexto, falar sobre o regional passou a significar olhar para as nossas mazelas socioeconômicas e buscar refletir profundamente sobre seus determinantes históricos, políticos e sociais:

Nas décadas de 20 e 30, exatamente nesse período entre guerras que estamos recortando, surge com pujança uma novidade literária, constituindo uma espécie de neonaturalismo em seu empenho de denúncia da injustiça,

da iniquidade, do preconceito sob todas as suas formas - de classe, de raça etc. (GALVÃO, 2000, p. 18).

Diante de uma realidade marcada por diferentes posicionamentos ideológicos, os romancistas brasileiros que se debruçam, particularmente, nas questões regionalistas, o fazem buscando denunciar as condições de vida daqueles que se encontram em condição de subalternidade. Desde **A bagaceira** (1928), do escritor paraibano José Américo de Almeida, produzir retratos dos problemas socioeconômicos do nordeste brasileiro. Segundo Galvão (2000), em seguida constituirão e estrearão com os seus romances os escritores como: “Rachel de Queiroz, do Ceará, José Lins do Rego, da Paraíba, Graciliano Ramos, de Alagoas, e Jorge Amado, da Bahia” (GALVÃO, 2000, p. 21).

A partir dos anos 1940, a aparição de Guimarães Rosa vai representar um novo marco de virada no regionalismo brasileiro. Sai de cena a incursão pela realidade social, entram em cena os processos de transcendência da realidade cultural de uma determinada localidade. Na perspectiva de Galvão (2000), Guimarães Rosa “[...] vai fazer sua aparição, operando como que uma síntese das características definidoras de ambas as vertentes: algo assim como um regionalismo com introspecção, um espiritualismo em roupagens sertanejas” (GALVÃO, 2000, p. 26). É justamente a forma peculiar como o escritor mineiro realiza esse movimento entre o regional e o universal que dá a entrever o seu aspecto **transcultural**. Segundo o crítico uruguaio, Ángel Rama, o escritor mineiro concebeu uma obra que atingiu boas respostas, tanto no nível da língua quanto no da estrutura literária, consolidando-se como “[...] um mediador entre duas esferas culturais desconectadas: interior-regional e o externo-universal” (RAMA, 2008, p. 54)⁷. De fato, ao buscar refletir sobre o universal a partir do local, Guimarães Rosa produz uma literatura que revitaliza o modo de apresentação das tradições locais a partir da incorporação das experiências da vanguarda modernista.

O regionalismo de Guimarães Rosa deve ser compreendido como transcultural, pelo fato de o escritor mineiro realizar um conjunto de operações no nível da escrita, como operar trânsitos culturais entre a linguagem erudita e a popular, produzindo, assim, uma linguagem bastante peculiar, que incorpora os mecanismos da fala para,

⁷ “[...] un mediador entre dos orbes culturales desconectados: interior-regional y el externo-universal” (RAMA, 2008, p. 54).

ao mesmo tempo, subvertê-los, como salienta Galvão (2000): “Não se pode esquecer que foi a partir do modelo oral da fala sertaneja que Guimarães Rosa criou uma linguagem especial, nutrida de arcaísmos e de elementos eruditos” (GALVÃO, 2000, p. 45). Promovendo uma integração cultural e estilística. Galvão (2000), registra que Guimarães Rosa cria “[...] um espaço sem fronteiras interiores nem exteriores, tendo por pontos de fuga no horizonte, aludidos mas nunca mostrados, a cidade e o mar” (GALVÃO, 2000, p. 30).

Essa articulação entre a presença de elementos de uma cultura originária em uma matriz de escrita modernista se faz presente, dentre outros momentos, no plano da cosmovisão. As crenças, causos, cantorias e mitos encontrados no sertão mineiro são revelados e valorizados, mantendo, em certa medida, a raiz cultural desse povo, criando um espaço em que, de acordo com Galvão (2000), a propósito de **Grande sertão: veredas** (2006), “Encontramos um sertão mítico, onde em jogo está a salvação ou perdição do ser humano, mero peão na eterna batalha entre Deus e o Diabo” (GALVÃO, 2000, p. 30).

Nesse sentido, pode-se pensar que a grande contribuição de Rosa é realizar um amálgama entre o local e o universal; entre o confronto do sertanejo com a realidade da terra e seus modos de transfiguração de suas inquietações metafísicas. Nesse sentido, para Antonio Candido – em visão que influenciou fortemente nas reflexões de Ángel Rama –, o escritor mineiro opera uma dupla contribuição, a saber, tanto contribui com a matização da tradição regionalista brasileira, por meio da fusão **local/universal**, quanto insere a produção ficcional brasileira no âmbito de um circuito latino-americano, na medida em que faz de sua obra objeto de investigação de problemáticas similares àquelas tematizadas nas obras de Juan Rulfo e Alejo Carpentier:

[...] a obra revolucionária de Guimarães Rosa, [é] solidamente plantada no que se poderia chamar de a universalidade da região. E o fato de estarem ultrapassados o pitoresco e o documentário não torna menos viva a presença da região em obras como as de Juan Rulfo – quer na realidade fragmentária e obsessiva de *Llano en llamas*, quer na sobriedade fantasmal de *Pedro Páramo* [...] escrevendo com requinte e superando o naturalismo acadêmico, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Vargas Llosa praticam em suas obras, no todo ou em parte, tanto quanto Cortázar ou Clarice Lispector no universo dos valores urbanos, uma espécie de nova literatura, que ainda se articula de modo transfigurador com o próprio material daquilo que foi um dia o nativismo (CANDIDO, 2003, p. 162, grifos do autor).

A obra de José Cândido de Carvalho se inscreve, de modo bastante singular, no âmbito da produção regionalista brasileira pós-1945. De acordo com Alfredo Bosi em **História concisa da literatura brasileira** (1994), a partir do decênio de 50, houve forte inflexão de uma prosa regionalista que, em contraponto ao neorrealismo dos anos 1930, buscava avançar pelas veredas abertas por Guimarães Rosa, na prosa, e João Cabral de Melo Neto, na poesia.

Destarte, a investigação documental da realidade social brasileira cede a uma literatura que, não obstante o interesse em se discutir as mazelas político-econômicas dos país, assimilava, também, o ímpeto experimentalista de Rosa e Cabral, temperado por uma forte incursão no desenho psicológico dos personagens, seja em uma literatura de matiz regionalista ou urbana, como assevera Alfredo Bosi:

Escritores de invulgar penetração psicológica, como Lygia Fagundes Telles, Antônio Olavo Pereira, Aníbal Machado, José Cândido de Carvalho, Fernando Sabino, Josué Montello, Dalton Trevisan, Autran Dourado, Otto Lara Resende, Adonias Filho, Ricardo Ramos, Carlos Heitor Cony e Dionélio Machado têm escavado os conflitos do homem com a sociedade, cobrindo seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa (BOSI, 1994, p. 388).

No que diz respeito especificamente a José Cândido de Carvalho, há que se colocar em relevo seu trabalho com a linguagem, como assevera José Aderaldo Castello, citado por Naiara Alberti Moreno, no livro **O coronel e o lobisomem nas veredas da literatura regionalista brasileira** (2015):

Em toda elas, por sua vez, a linguagem se faz inconfundível e adequada, conforme já se observou a propósito de *O Coronel e o Lobisomem* e, caso à parte, *Grande Sertão: Veredas*, personificando mesmo seus personagens-heróis, autonarradores. Talvez o traço em comum seja a oralidade, ao mesmo tempo distinto de um para o outro e graças sobretudo ao ritmo. Regionalismo? Sim, enquanto compromisso com a cultura popular brasileira, suas tradições retransmitidas oralmente, sem prejuízo, contudo, da universalidade do legado assimilado (CASTELLO, 1999, p. 334-5 apud MORENO, 2015, p. 94-95, grifos do autor).

O regionalismo representa um compromisso com as manifestações orais em textos literários, utilizando-se das memórias afetivas e de fatores históricos das culturas regionais, promovendo o encontro e aproximação dos diferentes grupos sociais.

2.3.2 José Cândido de Carvalho: um transculturador

José Cândido de Carvalho era filho de imigrantes, lavradores de Trás-os-Montes, norte de Portugal, que fixaram residência e negócio em Campos de Goytacazes, onde o autor nasce, em 1914. Encontra-se na obra de Avelino Ferreira a seguinte declaração do escritor acerca de seu nascimento e de seus desejos pessoais:

A bem dizer, fui inaugurado em 1914, vinte e quatro horas depois de rebentar a Primeira Guerra. Era agosto e chovia em Campos dos Goitacases. Comecei com jeito de grandeza. Meu ideal era ser usineiro, viver no último andar de trezentos mil sacos de açúcar. Como isso não foi possível, tratei de realizar o subideal, que era ser funcionário da Leopoldina. Sempre tive admiração especial por chefes de estação, espécie de donos de trem. Como esse subideal também não veio, tratei de escrever para os jornais de minha terra (CARVALHO apud FERREIRA, 2004, p. 53).

Aos oito anos, em virtude de uma doença contraída por seu pai, o escritor foi morar algum tempo no Rio de Janeiro. Logo, voltou a Campos, onde continuou a estudar em escolas públicas. Nas férias, trabalhava como auxiliar de farmacêutico, cobrador de uma firma de aguardente e trabalhador de uma refinaria de açúcar. Em 1937, José Cândido de Carvalho forma-se em Direito e, em 1939, muda-se definitivamente para a cidade do Rio de Janeiro. O escritor inicia-se no campo literário em 1939 com o livro **Olha pro céu, Frederico!** (1974). Na capital, passa a trabalhar no jornal **A noite**, a convite de Vargas Neto, neto de Getúlio Vargas. Em seguida, assumiu a redação do jornal **O Estado**. Em 1957, galgou o cargo de diretor de uma das revistas de maior circulação: **O Cruzeiro**. Participou ativamente como colaborador do **Jornal do Brasil** e escreveu em uma revista mensal editada por Herberto Sales, **A Cigarra**.

O professor Ivo Barbieri, na obra **A literatura no Brasil** (1997), situa José Cândido de Carvalho no contexto do sistema literário regionalista:

Por força da tradição literária, instaurada nos períodos romântico, realista, naturalista e intensificada no Modernismo, é sob o signo da representação de áreas regionalmente marcadas que se inscreve grande parte dos prosadores contemporâneos. É grande a família dos que se celebrizaram contando a saga rude dum Brasil primitivo, semibárbaro, feudal. Nesses, o romance e o conto fizeram-se veículo de análise e crítica social, a linguagem diversificou-se com o aproveitamento dos falares regionais, mas a arte de narrar guardou as marcas da tradição. Enquadram-se nessa tendência, entre outros, José

Cândido de Carvalho, Herberto Sales e Mário Palmério (BARBIERE, 1997 apud MORENO, 2015, p. 85).

A obra de José Cândido de Carvalho, portanto, deve ser pensada dentro de um horizonte no qual as narrativas são tecidas com uma atenção particular às questões que envolvem as culturas locais, demonstrando o pertencimento a essas origens, o que significa estabelecer vínculos com o espaço social e com as suas atividades culturais.

Dando oportunidade e voz ao homem do meio rural por meio de artifícios como o foco narrativo na primeira pessoa, apresentando uma linguagem popular que está presente em toda sua obra, resultado do convívio íntimo dos escritos com esse meio. Assim sendo, José Cândido de Carvalho opera uma negociação entre forma e conteúdo que se coaduna ao que Antonio Candido descreveu como a forma pela qual a literatura se relaciona com o meio:

A ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências no meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador (CANDIDO, 2003, p. 163-164).

O influxo da dimensão histórico-sociológica sobre a obra de José Cândido de Carvalho nos permite, justamente, pensá-lo como um transculturador, tendo em vista que as problemáticas literárias, culturais e políticas o colocam em sintonia com o conjunto de discursos que emerge no âmbito da produção intelectual e artística brasileira ao longo do século XX, como observam Aguiar e Vasconcelos (2001): “Em áreas aparentemente submersas, destinadas a ser devoradas pelos processos de aculturação, surgem grupos de pesquisadores, artistas e escritores que reivindicam os valores locais e se opõem à indiscriminada submissão que lhes é exigida” (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 229).

Por essa perspectiva, o aspecto transculturador da obra de José Cândido de Carvalho reside em um determinado modo de, no intuito de reivindicar valores locais como forma de resistência aos processos de submissão exercidos pelas culturas hegemônicas, articular diferentes tradições culturais no plano da escrita, como também salientam Aguiar e Vasconcelos:

Os escritores da transculturação mantêm-se apegados a seus meios rurais — campo e vilarejo — conseguindo que as errantes populações do sertão, os adormecidos povoados tropicais da costa caribenha, as aldeias empinadas da serra peruana ou os abandonados casarios do planalto mexicano voltem a ser partes legítimas da América Latina, com autenticidade e vigor (AGUIAR, VASCONCELOS, 2001, p. 232).

Ao apresentar como mote a história de um indivíduo que transita pelos ambientes rural e urbano, José Cândido de Carvalho não só realiza um inventário da cultural do interior, mas permite perspectívá-la a partir do olhar citadino.

2.3.3 O regionalismo de *O coronel e o lobisomem*

O coronel e o lobisomem (1964) é um exemplo da plasticidade cultural própria aos romances regionalistas modernos brasileiros, tendo em vista o modo como articula elementos oriundos do campo e da cidade, da tradição e da modernidade. O romance parece ser fruto do processo de planejamento ao longo dos 25 anos que o distanciam da última obra de ficção então publicada por José Cândido de Carvalho. Publicado originalmente em 1964, o romance é narrado em primeira pessoa pelo coronel Ponciano de Azeredo Furtado, apresentado como um “[...] coronel de patente do que tenho honra e faço alarde” (CARVALHO, 1964, p. 9). De acordo com o texto, Ponciano de Azeredo Furtado criou-se na Praça de Campos dos Goitacazes, e de seu avô Simeão, vieram-lhe como legado a patente de coronel e extensas terras nas quais conheceu e enfrentou os desafios do interior. No decorrer do romance, encontramos provérbios populares, superstições, crenças, simpatias e os mitos que fazem parte da cultura popular e do imaginário coletivo, tais como: sereias e o lobisomem, que além de compartilhar com o coronel o título da obra, é derrotado pelo protagonista. Em um determinado momento Ponciano retorna para Campos e com o seu afastamento dos pastos, surgem, aos poucos, novos hábitos no estilo citadino. Tenta estreitar laços matrimoniais com várias pretendentes, porém, o convite é recusado por todas. O protagonista começa a comercializar açúcar, acumulando uma valiosa quantia e, em seguida, começa a perder a sua fortuna e fama, conforme cita Arlete Parrilha Sendra, em seu ensaio, **Olhando o autor pelo retrovisor** (2014): “E dinheiro vai, o dinheiro de Ponciano não voltou. E ele que valia pelas cifras que tinha, perde seu valor na bolsa dos afetos que não existiam” (SENDRA, 2014, não paginado). No decorrer da obra, sua identidade vai desaparecendo, processo de transformação que a

pesquisadora sintetiza da seguinte forma: “E então, Ponciano vê o que ao viver não vira. Vê suas raízes arrancadas. Vê a tragicidade de seu destino” (SENDRA, 2014, não paginado). No final do romance, o protagonista retorna para a fazenda enfrentando inimigos imaginários frutos de sua sanidade já abalada.

A genealogia de **O coronel e o lobisomem** (1964), como relata a pesquisadora Claudia Nina (2015), dá-se nas idas e vindas do texto e na rearticulação do projeto original de José Cândido de Carvalho, que foi pensado, primeiramente, como uma compilação de crônicas:

Curioso é que os originais de “O coronel e o lobisomem” não nasceram com facilidade para a glória. Amargaram uma dura espera antes da publicação. Antes de ser a obra-prima que todos conhecem, o livro era uma reunião de crônicas. Seria impresso nas oficinas da revista “O Cruzeiro” dessa forma. Mas a gráfica estava sobrecarregada de trabalho, e o livro dormiu na gaveta do então diretor Herberto Sales meses a fio. Um dia, Zé Cândido entrou na sala da direção e pediu os textos de volta. Tinha decidido transformar as crônicas em um romance. Enfurnou-se com obsessão na tarefa e não mostrou os rascunhos para ninguém até chegar ao ponto final (NINA, 2015, não paginado, grifos da autora).

Sob o ponto de vista de sua recepção pelo público, conforme levantamento feito por Nina (2015): “O romance foi publicado nas oficinas da revista, em 1964, com uma tiragem de três mil exemplares que logo se esgotou [...] A segunda edição teve 10 mil exemplares. A terceira saiu pela Editora José Olympio recheada de elogio” (NINA, 2015, não paginado).

Rachel de Queiroz também teceu elogiosos comentários sobre o romance de José Cândido de Carvalho. Em nota, publicada no início da sétima edição do livro em 1971, a precursora do romance regionalista brasileiro destaca como **O coronel e o lobisomem** renova o gênero:

Porém agora, em mais esta releitura suscitada pela nova edição, procuro me escapular do demônio do coronel para me deter unicamente no autor. E como resultado, me curvo na maior reverência; não fosse eu a velha senhora e ele para mim um menino, até lhe tomava a bênção, de tanto o admirar. Dá vontade de arranjar um alto-falante e sair por essas ruas proclamando as excelências incomparáveis do importantíssimo romancista brasileiro, José Cândido de Carvalho. E solenemente ratifico o registro expendido em 1964: Com O Coronel e o Lobisomem José Cândido deu vida nova ao regionalismo brasileiro. Até então parecia que alguém querendo apresentar o homem do interior, sua vida, seus amores, suas lendas e problemas, teria que inventar fórmula diferente, porque o velho romance regional, o velho conto, supostamente não tinham mais nada para dar. ... E vem agora José Cândido de Carvalho provar que, havendo crânio, talento, boa boca, nenhum assunto está esgotado ou morto (QUEIROZ, 1971, p. X - XI).

É importante salientar como Raquel de Queiroz destaca a inovação de José Cândido de Carvalho no regionalismo brasileiro, renovando o idioma e usando as palavras com um novo sentido, expondo também a sua riqueza e patrimônio cultural, fenômeno que se espalha por toda a obra do escritor, como mostraremos na seção 3 deste trabalho dissertativo.

Outro entusiasta de **O coronel e o lobisomem** foi Nelson Werneck Sodré. Para o escritor e historiador brasileiro, José Cândido de Carvalho desempenha um papel fundamental na produção regional autêntica, em que os costumes, as crenças e as emoções de um determinado povo são revelados e valorizados. De acordo com Ferreira (2004):

O Sr. José Cândido de Carvalho surge, como grande romancista. O seu livro OLHA PARA O CÉU, FREDERICO! É dos mais vivos, movimentados, curiosos, interessantes que este ano de 1939 nos deu. O aparecimento de um escritor com tais dotes, oriundos do centro-sul e focalizando um dos aspectos sociais mais expressivos do ambiente em que se formou, indica a inocuidade dos romancistas. Ele frisou, com esta estréia magnífica, que existem grandes romancistas onde o contato com a terra é mais íntimo, onde a densidade humana e social é mais funda, onde os dramas e conflitos entre a atividade do homem e o trabalho, a forma da produção e os seus desencontros estimulam crises e acarretam desequilíbrios que repercutem em todo o organismo social. Coisas que surgem em toda a parte. O que é necessário é saber tratá-la. Ter o talento de colocá-la em evidência. Ser escritor, enfim (FERREIRA, 2004, p. 147-8).

Um levantamento da recepção de **O coronel e o lobisomem** revela que, à maneira de Raquel de Queiroz e Nelson Werneck Sodré, o aspecto que chama a atenção dos leitores é, sobretudo, o modo singular como o autor fluminense se apropria da riqueza cultural e linguística do Brasil para produzir um regionalismo acentuadamente satírico. Nesse sentido, Hélio Pólvora, na terceira capa da sétima edição (1971), destaca como esse aspecto é tributário da forma caricata como nos é apresentado o protagonista: “Na galeria dos personagens brasileiros avulta, com seus dois metros de altura, fala grossa e com olho vivo, O Coronel Ponciano de Azeredo Furtado” (PÓLVORA, 1971, terceira capa).

Ponciano é, inequivocamente, a alma de **O coronel e o lobisomem**. Sua oscilação entre os planos da essência e da aparência, isto é, entre o que ele é e como ele deseja ser visto moldam um personagem singular. Ponciano é, nas práticas culturais e linguísticas, o elo entre o local e o universal, o rural e o urbano, o arcaico

e o moderno; é no entorno da energética voz do personagem que, como observou Claudia Nina (2015), os eventos do romance gravitam:

Quando a voz de trovão de Ponciano de Azeredo Furtado ressoa nos ermos faz tremer o chão do mundo encantatório ao qual pertence o famoso e hiperbólico personagem criado por José Cândido de Carvalho: sereias, lobisomens e ururus ficam ouriçados e aparecem novamente para encenar as aventuras estapafúrdias da obra mais festejada da carreira do autor. Publicado em 1964, “O coronel e o lobisomem” ganhou no final do ano passado nova edição pela Companhia das Letras, coincidindo com a comemoração do centenário do seu autor, nascido em 1914 (NINA, 2015, não paginado, grifo da autora).

Yvan Sendra Pessanha, em **Campista: nem fiado, nem à vista**. A saga dessa gente que não se vende (1999), destaca a figura de José Cândido de Carvalho como a do “campista que se consagrou um dos maiores escritores brasileiros do século” (PESSANHA, 1999, p. 152), enaltecendo, ainda, o seu papel como um dos fundadores da Academia Campista de Letras:

Há, portanto, sessenta anos, a Academia Campista de Letras desenvolve louvável trabalho cultural, aglutinando alguns dos melhores intelectuais campistas [...] A entidade tem imenso histórico em prol da cultura. Integraram-na e a integram, nos dias atuais, as expressões mais lídimas das letras de Campos. Alinham-se nela vidas de inúmeros autores que dia a dia engrandecem as tradições de Campos, quatro de cujos filhos já honraram a Academia Brasileira: José do Patrocínio e Teixeira de Mello, fundadores, e Alberto Faria e José Cândido de Carvalho (PESSANHA, 1999, p. 185-186).

O crítico e ficcionista Assis Brasil, acrescenta, na obra **A nova literatura** (1973), o talento de José Cândido de Carvalho na renovação do sabor da linguagem:

José Cândido de Carvalho, um escritor de pequena bagagem literária. Estreou com o romance *Olha Para o Céu*, Frederico, em 1939, mas após a publicação de *O Coronel e o Lobisomem*, em 1964, o interesse de sua literatura toma vulto, numa concepção nova da linguagem literária - a rica experiência da estilização do coloquial, o ‘retrato do Brasil’ interiorano, a fábula e a lenda valorizando o ‘real’ artístico, sem aproximações a escolas ou preconceitos. Seu primeiro livro foi elogiado por Mário de Andrade e o segundo recebeu de M. Cavalcanti Proença uma verdadeira consagração (ASSIS BRASIL, 1973, p. 28, grifos do autor).

Assis Brasil (1973) traça, ainda, um paralelo da obra de Carvalho com uma geografia humana, com o intuito de revelar e explorar o mapa sentimental, ultrapassando os limites espaciais: “José Cândido de Carvalho constrói a figura do

Coronel Ponciano e equaciona a geografia humana daquelas terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino” (ASSIS, 1973, p. 51). Destarte, a obra de José Cândido de Carvalho deve ser pensada dentro de uma tradição contemporânea de articulação crítica entre o local e o universal; é nesse horizonte que sua produção deve ser inscrita. Como observa Assis Brasil, “Não resta mais dúvida quanto à sua filiação: a picaresca [...] que desce às raízes mesmas da cultura brasileira, numa linha ao mesmo tempo de tradição universal (ASSIS BRASIL, 1973, p. 51).

Dentre as apreciações críticas à obra de José Cândido de Carvalho, aquela que, ao nosso juízo, melhor sintetiza o forte entrosamento operado pelo escritor entre a experimentação na linguagem e a reflexão político-social é aquela tecida por Alfredo Bosi, que confere um lugar de destaque à prosa do escritor fluminense:

Menção à parte merece José Cândido de Carvalho, que conseguiu, em *O coronel e o lobisomem* (1964), captar os conflitos e os anseios de um homem de mente rústica sem cair na cilada que espreita as tentativas desse gênero, isto é, sem enrijecer a sua personagem no puro tipo, o que, aliás, lhe seria fácil realizar com brilho, dados os pendores do ficcionista para explorar o ridículo das suas criaturas. Revela ainda notar a justeza expressiva da sua linguagem verdadeiramente clássica sem deixar de ser moderna (BOSI, 1994, p. 428).

No romance **O coronel e o lobisomem** (1964), Carvalho aponta para alguns aspectos multifacetados da linguagem, em que reforça e contempla o diálogo constante com a literatura do regionalismo brasileiro.

3 PROCESSOS TRANSCULTURAIS EM O CORONEL E O LOBISOMEM: LINGUAGEM, CULTURA E PODER

Um dos aspectos que chamam a atenção da crítica em **O coronel e o lobisOMEM** (1964) é o processo de manipulação e invenção no nível da linguagem empregado por José Cândido de Carvalho. O escritor Paulo Bentancour no **Jornal Rascunho** (2012) assinala, nesse sentido, que a linguagem empregada por Carvalho neste romance é “[...] sob vários aspectos, renovadora” (BENTANCOUR, 2012, não paginado). Assis Brasil, por sua vez, destaca como, na obra do escritor fluminense, “[...] os malabarismos verbais, as interferências literárias, o gosto popular da oralidade se conserva, ou se acentua, ou recebe conotações curiosas e mágicas, como na linhagem de O Coronel e o LobisOMEM” (BRASIL, 1973, p. 50). O crítico acentua, ainda, como José Cândido de Carvalho apresenta uma “[...] profunda consciência dos valores da língua, em sua procura por uma estilização literária convincente” (BRASIL, 1973, p. 47). Interessa-nos, nesta seção, investigar, de forma mais profunda, os processos linguísticos recorrentes à escrita de José Cândido de Carvalho e em que medida tais operações se inscrevem no campo da transculturação narrativa. Buscaremos, na primeira subseção, analisar um conjunto de procedimentos de escrita que conferem singularidade à linguagem de **O coronel e o lobisOMEM** (1964), como a transcrição de traços de oralidade, os neologismos e a incorporação de frases oriundas da fala regional. Uma vez realizada uma pequena catalogação das operações realizadas no nível da linguagem, procuraremos, na segunda subseção, mensurar, a partir da noção de transculturação narrativa, em que medida esses procedimentos ganham dimensão política.

3.1 A LINGUAGEM EM O CORONEL E O LOBISOMEM

Ao longo de **O coronel e o lobisOMEM** (1964), perfilam-se vários procedimentos que atestam o caráter inovador da linguagem desenvolvida por José Cândido de Carvalho, como a construção de neologismos, a transcrição de traços de oralidade, a incorporação de clichês, provérbios, gírias e expressões idiomáticas, entre outros, a escrita. À medida em que tais operações consistem em formas de

transcrição de falares regionais, percebe-se como, na obra do escritor fluminense, há um processo concomitante de incorporação da norma padrão e subversão da mesma, o que nos permite refletir sobre o modo como o escritor busca explorar as potencialidades expressivas das diversas realizações linguísticas. Propomos refletir sobre a relação entre linguagem e cultura a partir do exame de três conjuntos de procedimentos empregados pelo escritor na obra em questão, quais sejam: a transcrição de traços de oralidade, a incorporação de expressões oriundas da fala regional e a construção de neologismos.

3.1.1 Traços de oralidade

A leitura de **O coronel e o lobisomem** (1964) ecoa nos ouvidos de forma muito peculiar, tendo em vista que a prosódia do texto é fortemente marcada pelo desenho rítmico e melódico próprio ao sotaque do homem do interior. A oralidade, como nos afirma Rocco, citado por Clarícia Akemi Eguti, em **A oralidade de José Cândido de Carvalho em O coronel e o lobisomem** (2008):

[...] é característica inerente a todo e qualquer grupo de indivíduos. Não se tem conhecimento da existência de uma comunidade – por mais primitiva que seja – que não se utilize da fala, da palavra, que é a marca definidora do homem e da sua humanidade (ROCCO, 1999, p. 73 apud EGUTI, 2008, p. 47).

A comunicação oral, por conseguinte, possui raízes fortemente arraigadas ao local, à região que agrega uma determinada comunidade de falantes, o que, explica sua variabilidade de uma região para outra. Marivalda Guimarães Sousa, no campo das investigações sobre **O mito do Biatatá e suas variantes**: considerações sobre literatura oral e o imaginário das águas (2006), destaca como uma das diferenças dessa linguagem falada em relação à forma escrita, que “A linguagem oral possui recursos próprios que a diferenciam da linguagem escrita. São recursos extraverbaís que, utilizados durante a *performance*, a tornam mais rica em termos de expressividade” (SOUSA, 2006, p. 231). Uma das questões que se impõem, seja para o linguista ou para o escritor, é como transportar, para o plano da linguagem escrita, todo o conjunto de fenômenos próprios à fala. Esse tipo de realização linguística configura um procedimento que visa a reproduzir, no plano da escrita, marcas sintáticas e fonéticas presentes na fala cotidiana.

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), o emprego dessa técnica parece atender a pelo menos duas estratégias próprias à narrativa. A primeira envolve uma necessidade fundamental do próprio romance: situar o leitor em determinadas coordenadas espaço-temporais. Ao longo do romance, a presença de sotaques e gírias, entre outros recursos próprios à linguagem informal, reforçam o caráter regionalista da narrativa ao apresentar ao leitor um grande manancial de variedades linguísticas regionais. As escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas do romance aludem à fala de uma determinada comunidade rural, no caso em questão, de Campos dos Goitacazes, cidade do interior do Rio de Janeiro: “Morava em nação de chuva – um ôco de coruja chamado Sossêgo, onde só dava presença bicho penado. De noite, era aquela algazarra de lobisomem, pio de coruja, asa de caburé, fora outro atraso dos ermos” (CARVALHO, 1964, p. 9).

No fragmento acima, o narrador nos descreve alguns aspectos que compõem o local em que vive o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, protagonista do romance. Nele, a construção narrativa do espaço rural não se encontra somente no nível das descrições do ambiente, mas também no emprego de um conjunto de expressões próprias do interior (pio de coruja, asa de caburé). Essa marca de uma distinção espaço-temporal assinalada pelo emprego de determinadas formas linguísticas pode ser evidenciada no emprego constante da expressão **vosmecê**, como na passagem a seguir: “– Vosmecê só sabe dizer asneiras. É escuro de nascença” (CARVALHO, 1964, p. 24). O vocábulo **vosmecê** é, em perspectiva diacrônica, fruto da contração do pronome de tratamento **vossa mercê**. A forma contemporaneamente empregada é **você**. No entanto, no romance de José Cândido de Carvalho, essa forma de tratamento é apresentada no meio do caminho de sua transformação diacrônica, como se, em determinadas comunidades rurais a expressão ainda permanecesse, em detrimento do ambiente urbano.

O segundo efeito da incorporação de diversos traços de oralidade, em **O coronel e o lobisomem** (1964), consiste na possibilidade de realizar uma espécie de inventário dos modos de falar do homem do interior, perspectivando visões de mundo, práticas culturais e de brincar com a língua, inventando novas formas a partir da liberdade conferida pela oralidade, o que também influi no tom de humor que se espraia por todo o romance. Em uma passagem do capítulo 4, por exemplo, Juju Bezerra, major dono da Farmácia Esperança, deixa entrever o seu olhar lascivo ao dirigir o seguinte comentário ao colega Ponciano de Azeredo Furtado: “– Coronel

desembarcou em Campos uma francesada de amolecer um frade. Tudo de imbigo de fora” (CARVALHO, 1964, p. 59). Sob o ponto de vista da norma culta, a grafia registrada pelo dicionário para a palavra **imbigo** é, como se sabe, **umbigo**. Contudo, ao grafar, o escritor fluminense dá ênfase à marca de oralidade em detrimento às normas que regem a forma escrita. Somada à expressão **francesada de amolecer um frade**, empregada para mensurar o grau de sedução exercido pelas francesas que ali desembarcaram, **imbigo** imprime tonalidade cômica à conversa.

Sob o ponto de vista da oralidade, o que se observa, em **O coronel e o lobisomem** (1964), é aquilo que, em contexto mais amplo, Dino Preti, no livro **Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo literário** (1974), observa sobre a relação entre linguagem e regionalismo na literatura brasileira do século XX: “Era o regionalismo que ressurgia nos quadros do século XX, fortalecido por originais soluções estéticas, entre as quais se destacava uma melhor incorporação das estruturas orais das várias regiões” (PRETI, 1974, p. 157-8). Podemos perceber uma inflexão transculturadora de José Cândido de Carvalho, na obra **O coronel e o lobisomem** (1964), à medida que adota uma narrativa que se apropria da fala, aqui entendida como língua viva do homem do interior, revitalizando-a e transformando-a.

3.1.2 Escolhas lexicais

Para além das transcrições de traços de oralidade, parece-nos fundamental refletir, também, sobre a importância das escolhas lexicais no trabalho de construção de uma perspectiva regionalista em **O coronel e o lobisomem** (1964). O primeiro aspecto a ser destacado é o modo como José Cândido de Carvalho emprega variantes regionais em seu romance. O fundamento da existência de variantes linguísticas, como se sabe, é a plasticidade da língua, como assevera Luiz Carlos Cagliari, na obra, **Alfabetização & linguística** (1992). Segundo o teórico:

O português, como qualquer língua, é um fenômeno dinâmico, não estático, isto é, evolui com o passar do tempo. Pelos usos diferentes no tempo e nos mais diversos agrupamentos sociais, as línguas passam a existir como um conjunto de falares diferentes ou dialetos, todos muito semelhantes entre si, mas cada qual apresentando suas peculiaridades com relação a alguns aspectos linguísticos (CAGLIARI, 1992, p. 36).

Falar em variantes linguísticas regionais significa ter consciência dos processos de incorporação de diferenças e peculiaridades que se atualizam e se modificam ao longo do tempo, os processos de transculturação narrativa nos permitem dar ênfase ao caráter histórico, cultural e social que determinam distinções no campo da língua. Ao longo do romance **O coronel e o lobisOMEM** (1964), José Cândido de Carvalho incorpora e assimila expressões advindas das variantes regionais. Em uma determinada passagem do romance, por exemplo, o coronel Ponciano sofre, ao longo de dois meses, de uma doença que lhe provoca febres altas e tremores pelo corpo. Ao perceber a mudança na cor da urina em função dos remédios que o médico lhe receitara, o protagonista protesta com a frase: “– É o rabo da doença, a despedida dela” (CARVALHO, 1964, p. 81). **Rabo de doença** se constitui, no contexto em questão, de uma frase-feita utilizada, em contexto de oralidade no interior, para se referir ao estágio final de uma enfermidade, tendo em vista a sua possibilidade de associação metafórica do termo **rabo** como a parte posterior de um corpo e o rastro final deixado por um processo de convalescência. Em outra passagem, Juju Bezerra, diante da curiosidade de Ponciano acerca da chegada de Dona Alonsa dos Santos, afirma ao coronel que, “Dona Alonsa dos Santos era guarnecida do mais vistoso par de trás que êle tinha deitado vista” (CARVALHO, 1964, p. 60). Mais uma vez, José Cândido de Carvalho se apoia no emprego de uma expressão – par **de trás** – com o objetivo de imprimir uma diferença do falar regional, acentuadamente marcado pela supressão de sílabas, como “-te”, na palavra **parte**, o que imprime, em grande medida, tom de humor à narrativa.

Com a literatura em comunhão e integrada com o seu espaço físico, Carvalho propicia uma narrativa voltada para as suas singularidades que lhe são valiosas e constituem o seu patrimônio cultural. Celso Pedro Luft, no seu livro **Língua & liberdade**: por uma nova concepção da língua materna (1985), destaca, acerca do papel de um bom escritor que o mesmo: “Domina seu instrumento de trabalho, usa-o como respira, com desembaraço, prazer, segurança. Quando luta em busca de um texto melhor, cada vez mais perfeito e mais original, é porque persegue a palavra exata e mais expressiva” (LUFT, 1985, p. 20).

É justamente no sentido de buscar melhores formas expressivas que José Cândido de Carvalho parece realizar uma espécie de inventário de expressões regionalistas. Por meio delas, imprime-se um forte tom de humor à narrativa. Uma das principais estratégias empregadas pelo autor consiste no emprego, em uma mesma

frase, de elementos eruditos e coloquiais. Em um determinado momento da narrativa, quando o coronel Ponciano retorna para Sobradinho com as emoções afloradas e fazendo uma retrospectiva dos seus três anos de afastamento dos pastos, lembrando das suas bondades e das encrencas que lá viveu, recorda-se que “Em Santo Antônio, o trem pegou umas mercadorias e dois ou três trafegantes do comércio. De nôvo andou e ao roçar o engenho do Visconde obtemperei alto, assim em modos de perturbado do tino” (CARVALHO, 1964, p. 253). Nessa passagem, o verbo **obtemperar**, além de compor uma formulação paradoxal (“obtemperar alto”) notadamente de registro culto, é inserido em uma mesma frase em que se encontra o emprego coloquial – e gramaticalmente incorreto dentro da norma culta – da preposição **de** posposta à locução **em modos**. Dessa forma, causa surpresa ao leitor que alguém com domínio linguístico para usar um preciosismo vocabular como o verbo **obtemperar** cometa, em seguida, desvio sociolinguística tão primário de sintaxe. Esse tipo de construção pode ser destacado como um dos traços recorrentes na escrita de José Cândido Carvalho em **O coronel e o lobisomem** (1964). Página após página, encontramos termos eruditos e coloquiais integrando uma mesma frase.

O romance em questão pode também ser pensado como uma espécie de inventário de frases-feitas que circulam no contexto comunicacional das variedades regionais. A fala indelicada e imperativa de Ponciano para com os seus empregados traz consigo um farto manancial de exemplos, tais como: “– Êsse Satanás está maluco, doido varrido da cabeça” (CARVALHO, 1964, p. 14); “Não venha com panos quentes, pelo amor de Deus” (CARVALHO, 1964, p. 108). O emprego de **doido varrido** para indicar que uma pessoa perdera a razão, e de **panos quentes**, com o objetivo de se referir ao ato de tentar relevar uma situação constrangedora, notabilizam-se como exemplos de como o escritor fluminense imprime caráter regionalista ao texto por meio da linguagem. Em outra passagem do romance, Ponciano, a fim de tranquilizar o compadre Juquinha Quintanilha sobre sua relação com Cicarino, afirma: “Tem tempo, seu compadre. ‘Isso não é sangria desatada” (CARVALHO, 1964, p. 25). Embora **sangria** signifique sangramento e o verbo **desatar** não indique uma ação possível sobre a mesma, a expressão **sangria desatada** remete a algo que requer providências urgentes. No contexto em questão, a frase de Ponciano serve como forma de indicar que o problema do coronel com Cicarino não exigirá nenhuma medida imediata por parte do protagonista.

É importante, ainda, destacarmos que frases-feitas, provérbios populares, expressões idiomáticas, constituem-se como modos particulares de produção de formas de pensamento que se dão por analogia, exagero, associação e deslocamento, entre outras. No capítulo dois do romance, por exemplo, ao encerrar os seus dias na Rua da Jaca, em Campos, o coronel justifica o seu retorno a Sobradinho alegando que “Melhor engorda do boi é o olho do dono” (CARVALHO, 1964, p. 19). Essa expressão popular indica que a melhor pessoa para cuidar dos seus interesses é o proprietário, cabe a ele tomar as decisões importantes na condução do seu patrimônio. É fundamental notar como uma determinada concepção gerencial é plasmada pela imagem do ambiente rural (**engorda do boi**), como um determinado pensamento se afirma por meio de uma imagem. Em outra passagem, do mesmo capítulo, Juca Azeredo, parente de Ponciano, faz o seguinte comentário sobre uma prima do coronel: “– Aquilo é tábua de passar roupa. Môça para o primo tem que ter coxão fornido, capaz de agüentar os repuxos” (CARVALHO, 1964, p. 19). Neste fragmento, um conjunto de tropos linguísticos revela uma visão de mundo fortemente marcada pelo patriarcalismo e pelo machismo, tendo em vista que a metáfora **tábua de passar roupa** desqualifica a mulher em questão, sugerindo, através de uma expressão jocosa, a falta de contornos em seu corpo, ao passo que, na mesma sentença, o desejo masculino é expressado por meio de um aumentativo – **coxão** – e de um vocábulo habitualmente empregado com referência à choça ou à despensa – fornido. Desse modo, despe-se a figura feminina de sua humanidade, atribuindo-lhe valor de coisa ou de animal. Por essa lógica, o fragmento em questão expõe uma determinada visão de mundo fortemente marcada por uma cultura de reificação da mulher. De acordo com Cagliari (1992): “[...] os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao longo do tempo, assumindo peculiaridades, características de grupos sociais diferentes, e os indivíduos aprendem a língua ou dialeto da comunidade em que vivem” (CAGLIARI, 1992, p. 81).

Consonante a esse universo, **rabo de doença**, **sangria desatada** e **coxão fornido** se constituem, como alguns dos elementos que conferem plasticidade à linguagem empregada em **O coronel e o lobisomem** (1964), tendo em vista o modo como José Cândido de Carvalho busca articulá-los e, muitas vezes, inventá-los, como ocorre no caso do emprego dos neologismos.

3.1.3 Neologismos

Ao longo do romance, José Cândido de Carvalho se utiliza, extensivamente, do recurso do neologismo, ou seja, do recurso de criação lexical resultante do processo neológico. Do ponto de vista da sua ocorrência no plano da linguagem cotidiana, os neologismos, como sustenta Milton M. Azeredo, em **Vozes em branco e preto** (2003), “[...] entram na língua para atender a novas necessidades comunicativas” (AZEREDO, 2003, p. 32). Esse processo, é importante assinalarmos, encontra-se radicado nos novos horizontes culturais e linguísticos que se inscrevem em nossa realidade social. Portanto, à medida que a cultura brasileira se configurou pelo afluxo de tradições e línguas diversas, formas híbridas de ver o mundo e de descrevê-lo, por meio da linguagem, implicaram na assimilação e na criação de novas palavras, como destacam Rodolfo Ilari e Renato Basso, no livro **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos** (2007):

O português do Brasil tem enorme dívida para com as línguas africanas, que se manifesta particularmente na assimilação de palavras originárias do quimbundo e do iorubá. Provêm do quimbundo: bambá, banzo, bengala, bunda, cachimbo, cacimba, caçula, cafuné [...] Do iorubá, provêm vatapá, acarajé, agogô e todos os termos ligados ao candomblé baiano e às suas divindades aluá, cafre e fulo passaram ao português através dos escravos africanos, mas são, na origem, palavras árabes (ILARI; BASSO, 2007, p. 74).

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), José Cândido de Carvalho se aproveita, justamente, dessa ampla tradição lexical e de suas potencialidades para a construção de neologismos. Em uma determinada passagem do texto, o coronel reflete sobre a relação da população local com a lenda da onça, concluindo que “O pessoal do Sobradinho, já desesquecido do dente da onça, ria dessas e outras pândegas que eu sabia arrumar” (CARVALHO, 1964, p. 57). Nessa frase, emprega-se o prefixo **des-** junto ao verbo **esquecer**, produzindo, assim, um caso de neologia voltada a dar conta de um determinado campo semântico: o do ato de deixar de se esquecer, isto é, lembrar. É importante observarmos como embora a mesma informação pudesse ser dita de outra forma – com o verbo lembrar-se, por exemplo –, o emprego de **desesqueceu**, além de simular um procedimento muito comum no processo de construção de palavras empregado por uma população sem acesso ao ensino formal da língua portuguesa, imprime uma nova força ao pensamento ao propor um novo

caminho lexical e semântico. Esse mesmo fenômeno pode ser evidenciado em uma passagem do capítulo oito em que Ponciano, ao enfrentar o lobisomem, reivindica uma ajuda aos santos: “Por descargo de consciência do que nem carecia, chamei os santos de que sou devocioneiro” (CARVALHO, 1964, p. 154). Nesse caso, o substantivo **devoto** recebe a derivação sufixal **-eiro**, normalmente empregado na formação de nomes que indicam profissões. Com essa ótica, amplia-se o sentido de **devoto** para aquele que tem a devoção como profissão.

Ao analisarmos alguns exemplos de transcrições de traços de oralidade, de escolhas lexicais e de construção de neologismos em **O coronel e o lobisomem** (1964), nosso objetivo foi o de constituirmos um campo de exemplificações para a questão que iremos examinar a seguir, qual seja: em que medida o processo de transculturação no nível da linguagem pode ser pensado como um fator de ação política.

3.2 TRANSCULTURAÇÃO NO NÍVEL DA LINGUAGEM COMO AÇÃO POLÍTICA

Ao longo do romance **O coronel e o lobisomem** (1964), José Cândido de Carvalho recupera aspectos próprios às tradições orais para melhor amearhar matéria-prima em sua obra de ficção, fortemente nutrida pela plasticidade cultural oferecida pela própria língua. Levando em conta que a linguagem é, também, um fator social e sobrevive às imposições do discurso culto padrão, a mesma pode ser pensada com um enfoque político, pois um ato de transculturação no nível da linguagem de uma narrativa pode significar um gesto de resistência às hierarquias linguísticas impostas pelas culturas hegemônicas. É sob essa perspectiva que gostaríamos de desenvolver uma reflexão acerca da importância política da incorporação da oralidade no romance de José Cândido de Carvalho, o que passaremos a fazer nas subseções seguintes.

3.2.1 Linguagem, cultura e poder

Esta dissertação considera que a questão fundamental que o romance **O coronel e o lobisomem** (1964) impõe aos leitores hoje é em que medida o processo

de transculturação narrativa no nível da linguagem, isto é, da ampla apropriação e transformação que José Cândido de Carvalho imprime à escrita de seu texto, pode ser pensado em uma perspectiva política. Quando pensamos a relação entre linguagem e política, estamos nos referindo às diferentes formas como a língua se insinua como instrumento de poder da vida social.

Uma primeira perspectiva na qual a relação linguagem e poder importa ser pensada diz respeito ao modo como a palavra escrita foi empregada como instrumento de imposição político-econômica. Em **A cidade das letras** (1984), Ángel Rama se debruça sobre os modos como a língua institui uma ordem social. De acordo com os seus estudos realizados sobre a classe letrada na América Latina, a organização física da cidade e a distribuição do espaço urbano seguiam uma configuração espacial que obedecia a determinados princípios reguladores. Desse modo, a planificação da cidade instituía uma ordem que traduzia, por sua vez, uma hierarquia social, situando o poder em um ponto referencial, gravitando ao seu redor, as diversas e diferentes camadas sociais. Nesse contexto, tanto a instituição do poder – as leis – como o seu exercício estavam diretamente vinculados à capacidade de domínio das letras. A cidade era o espaço de grupos de religiosos, educadores, escritores e intelectuais, todos, evidentemente, letrados. A eles cabia a realização de funções ligadas ao exercício do poder. É nesse sentido que, em **A cidade das letras** (1984), Ángel Rama destaca que, no espaço urbano letrado, a escrita e a leitura eram privilégios conquistados por esse grupo específico, que, por meio delas, exercia o poder. Conforme Rama (1984):

Cidade letrada. Só ela é capaz de conceber, como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver inclusive em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum (RAMA, 1984, p. 53).

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), a relação entre linguagem e divisão socioeconômica fica patente em diversas passagens, como a que transcrevemos abaixo:

Pois digo que no corpo da discussão inventei uma raça de capim que no conhecimento de ninguém era chegada. Sustentei, em manha de advogado de lei, as prendas da tal forragem. Dei até nome: – Capim rabo-de-macaco. Fiz isso por sabedoria, para Juquinha Quintanilha não pensasse estar na

presença de um ignorantão. Não sou, como todo mundo sabe e conhece, loroteiro ou espalhador de falsos (CARVALHO, 1964, p. 20).

A passagem em questão coloca em evidência o fato de que uma palavra proferida por uma autoridade nunca é passível de contestação por parte dos subordinados. Nesse seguimento, **a verdade** se impõe a partir da posição social ocupada pelo falante: “Sustentei, em manha de advogado” (CARVALHO, 1964, p. 20). Portanto, o emprego de uma linguagem polida cumpre um papel fundamental no tipo de identidade que Ponciano constrói para si e, sobretudo, daquela que ele deseja negar: “Fiz isso por sabedoria, para Juquinha Quintanilha não pensasse estar na presença de um ignorantão” (CARVALHO, 1964, p. 20).

Em uma segunda perspectiva, a relação entre linguagem e poder diz respeito a como diferentes posições socioeconômicas influenciam diferentes formas de enunciação. Em **O coronel o lobisomem** (1964), essa relação entre linguagem e poder é evidenciada nas frases imperativas e indelicadas do coronel Ponciano, como na passagem abaixo, em que narrador descreve o modo como o coronel se dirige aos seus empregados:

Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e ventos: a falar alto, sem freios nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, sem jeito de môça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito – Seu filho de égua, quem pensa que é? (CARVALHO, 1964, p. 9).

Essa forma de falar realça e confirma o sistema autoritário e dominador. Para manter e ter o poder o protagonista necessitava constantemente enfatizá-la. Victor Nunes Leal destaca, em sua obra, **Coronelismo, enxada e voto** (2012), que “O conceito de coronelismo incorporava, sim, traços de mandonismo local, mas era mais que isso, fazia parte de um sistema, de uma trama que ligava coronéis (mandões), governadores e presidente da República” (LEAL, 2012, p. 10). Esse abuso de poder prevaleceu durante um longo tempo, contaminado pelo regime autoritário prevalente à época histórica. Uma primeira possibilidade de refletir sobre a relação entre linguagem e poder está situada, desse modo, na distinção que a narrativa apresenta entre aqueles que têm direito à fala e os que por motivos obviamente possíveis de crítica, não a tem.

3.2.2 Linguagem, poder, transculturação

A relação entre linguagem e política, na linguística contemporânea, tem sido pensada no sentido de romper com a hierarquia que historicamente marca a distinção entre a norma culta e a linguagem coloquial. A noção de norma culta sempre esteve estritamente arraigada a noções como **língua de prestígio**, o que influenciou, decisivamente, na visão preconceituosa e estereotipada que se atribuiu às formas coloquiais de expressão. Se o domínio da norma culta é fator de distinção social e critério que determina o acesso a determinados estratos socioeconômicos, ela pode, por conseguinte, ser compreendida como um fenômeno que é atravessado também pela dimensão política, pois realiza partilhas e divisões na sociedade. Assim ao acolher em seu romance, uma ampla variedade de formas coloquiais, plasmando-as das mais diversas maneiras e para os mais variados fins, José Cândido de Carvalho assume, como defendemos nesta dissertação, a condição de **transculturador**, o que se constitui, no limite, como um gesto político, visto que rompe com hierarquias linguísticas para dar ênfase à riqueza e amplitude que as variedades regionais oferecem ao leitor.

Enquanto signo, ou seja, como ferramenta de representação, a língua, como nos lembra Marcos Bagno, na obra, **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz (2007), permeia todas as atividades da vida social, “[...] ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos” (BAGNO, 2007, p. 168). A leitura de **O coronel e o lobisomem** (1964) se oferece como um exemplo efetivo à tese de Bagno (2007), tendo em vista que, ao longo do romance, é admirável percebermos como a língua determina, efetivamente, os diferentes modos como construímos ou acessamos o mundo. Em uma determinada passagem da obra, a prima de Ponciano, dona Sinhá, com uma tosse comprida, adoece e acaba falecendo. O narrador nos apresenta o episódio da seguinte maneira: “Deu de andar encafuda em cobertor, só nariz de fora. Afinou ainda mais e num agosto de chuva foi embora na asa de um vento encanado” (CARVAHO, 1964, p. 10). A expressão **vento encanado** alude, no dialeto caipira, a uma corrente de ar. As expressões regionais apresentam riqueza, pois ampliam as possibilidades de denominar os fenômenos. Ilari e Basso (2007) destacam, justamente, essa relação

entre linguagem e visão de mundo ao afirmarem que: “Além do jeito de falar, o caipira também evoca todo um imaginário sobre a vida do campo e uma cultura musical muito rica, que goza há algum tempo de projeção nacional: trata-se das modas de viola, ou música sertaneja, ou ainda música raiz” (ILARI; BASSO, 2007, p. 163).

Cabe, aqui, uma indagação: qual seria o papel da língua na construção da identidade nacional e como **O coronel e o lobisomem** se situa nesse debate? O problema da construção de uma identidade nacional, no Brasil, tem origem no século XIX, após o processo de independência do país e se alicerçou, basicamente, na produção de discursos, dentre os quais os literários e artísticos, fortemente vinculados às noções de compartilhamento de uma língua, de uma raça e de um passado/memória comuns. Como se sabe, os modernistas fizeram uma releitura desse discurso, a partir de uma revisão crítica do passado nacional e de uma espécie de desrecalquização daquilo que havia passado por um processo de seletividade na construção da identidade romântica: por exemplo, inscrevendo a figura do negro, até então ignorada no âmbito de tal processo.

Contemporaneamente, o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, em seu livro, **A identidade cultural na pós-modernidade** (2005), nos deu uma contribuição fundamental ao destacar como essas identidades construídas desde o século XIX passam por um processo de descentramento, deslocamento ou fragmentação. Segundo o teórico:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 13).

Esse descentramento do sujeito no âmbito da cultura contemporânea do qual nos fala Hall nos impele a uma reflexão sobre o próprio papel da língua nesse processo. Se a mistura entre o léxico tupi e a língua portuguesa realizados pelos românticos criava, artificialmente, uma língua brasileira, em conformidade com as necessidades políticas do Segundo Império, um romance como **O coronel e o lobisomem** (1964) reinscreve essa língua, na medida em que a representa a partir das tradições da oralidade que a compõem, não impondo às mesmas uma normatização rigorosa, tal como as palavras e expressões do tupi-guarani eram

importadas para as páginas dos romances de José de Alencar ou para os versos do poeta romântico Gonçalves Dias.

Torna-se visível, a partir da colocação dos referidos teóricos, que, para além do vocabulário concreto e das variantes regionais, a linguagem traz em seu cerne e repassa simbolicamente um universo imagético, cultural. Enquanto comunicantes, por meio da fala somos remetidos a contextos, memórias e analogias daquele que comunica a mensagem. O ato da comunicação assume, também, vivacidade e construção com o outro e a partir do outro, reconfigurando-se num processo ininterrupto. Hall (2005), propõe, nesse sentido, uma reflexão sobre o papel social da língua em nosso sistema cultural:

Ferdinand de Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste, a nós. Não podemos em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2005, p. 40, grifo do autor).

Hall (2005) acentua, ainda, que as palavras são produtos de outras variantes, e reforça a ideia de que o falante jamais será o protagonista inovador no uso da língua. Terá, necessariamente, que se utilizar-se também dos conceitos dominados por outros receptores:

O que modernos filósofos da linguagem – como Jacques Derrida, influenciados por Saussure e pela “virada linguística” – argumentam é que, apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de sua identidade. As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado (HALL, 2005, p. 41, grifos do autor).

Nessa linha de pensamento, José Luiz dos Santos destaca, em seu livro, **O que é cultura** (2012), que a origem latina da palavra cultura é associada às atividades agrícolas. Hodiernamente, este conceito encontra-se ampliado, abrangendo também, as especificidades de cada lugar, expressando um comportamento mais refinado de determinada parcela da sociedade:

Cultura é palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e é até hoje (SANTOS, 2012, p. 28, grifo do autor).

Ao direcionar as transformações culturais para o campo linguístico, Santos (2012), argumenta que, nas diversidades culturais, surgem indagações sobre essas discrepâncias e as influências externas, nas quais, em regra, ocorre a prevalência das classes dominantes, dado o domínio linguístico oficial de que são detentoras: “Cultura pode por um lado referir-se à “alta cultura” [...] a “alta cultura” surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes” (SANTOS, 2012, p. 35, grifos do autor). Percebe-se que a linguagem oral declara e exprime a visão de mundo dos diferentes segmentos sociais e culturais. A cultura de um povo reflete através de sua fala pulsante, um modo de reproduzir e demonstrar o seu modo de vida, o seu comportamento com os seus valores morais, políticos e éticos. Dessa forma, evidencia-se o papel da cultura de traduzir o conhecimento aglomerado coletivamente à qual pertencemos em sua totalidade e dimensão no seu processo social. Percebe-se, assim, a necessidade de sermos sujeitos ativos e participativos, o que enseja o desejo de transformação, de mudança de perspectivas e de valorização das culturas populares, estimulando, assim, os processos de exploração da plasticidade que as próprias culturas apresentam. Santos (2012), reforça esse pensamento:

Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras. Existem no entanto processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas (SANTOS, 2012, p. 16).

É nesse sentido que se pode inferir que, se não há distinções hierárquicas entre culturas, o mesmo é extensivo às identidades e suas práticas linguísticas. O que de fato ocorre entre as diferentes práticas culturais é um processo de interpenetração através do qual novos amálgamas sempre vão surgindo, o que coloca em evidência o caráter híbrido de cada cultura.

Nesse trânsito literário, vale ressaltar que Terry Eagleton, na sua obra, **A ideia de cultura** (2005), acredita que a cultura pressupõe uma coletividade: “Talvez por detrás do prazer que se espera que tenhamos diante de pessoas ‘cultas’ se esconda uma memória coletiva de seiva e fome” (EAGLETON, 2005, p. 10, grifo do autor). Assim como não há plena satisfação no que tange ao desenvolvimento cultural no indivíduo agindo isoladamente, também não há plenitude de interação social quando há confrontos entre culturas diversas. Por certo, há de se reconhecer as limitações de cada uma, bem como suas confluências para uma completude harmoniosa:

A cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado. Com efeito, é o despotar do reconhecimento de que isso não é possível que ajuda a deslocar cultura de seu significado individual para o social. A cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política (EAGLETON, 2005, p. 21).

A partir desses pressupostos teóricos, cabe-nos retomar a análise da dimensão política da linguagem em **O coronel e o lobisomem** (1964). O embate entre aqueles que detêm o poder e aqueles que não o possuem, no romance, pode ser observado particularmente nos modos como o domínio das formas cultas implica o exercício do poder; pode ser evidenciado, também, em uma passagem do romance na qual Ponciano, na companhia de quatro campeiros, confere as medidas das escrituras e percebe que vizinhos de mau caráter haviam adentrado mourões e aramado em prejuízo das terras do avô. Ponciano, então, remete um bilhete educado aos perpetradores do delito. Antão Pereira, boiadeiro de Sobradinho, interpela o coronel, avisando-lhe que o povo de pasto nunca ia entender carta delicada, e Saturnino Barba de Gato, outro campeiro do tempo do avô Simeão, expõe a mesma impressão ao dizer que: – Ladrão de terra não sabe lidar com letra de educação” (CARVALHO, 1964, p. 19).

Em outra passagem, no capítulo dois, Ponciano assume a dívida de José Mateus, um matador profissional que estava em débito com Cicarino Dantas, o aguardenteiro. O coronel, então, quita a dívida do amigo e alerta o aguardenteiro que, em ocasião oportuna, irá visitá-lo. Em função dessa ameaça, Cicarino encaminha uma carta para Ponciano com a intenção de estabelecer a paz. Contudo, suspeita-se que a carta não seja do aguardenteiro, tendo em vista o domínio da norma culta sob a qual se encontrava redigida:

A carta, pelo visto, não devia ser de Cicarino, aguardenteiro de curtas letras, que mal sabia assinar escrituras e recibos de cachaça. Algum doutor advogado a par da minha fama de coronel demandista e instruído, rascunhou o prêto no branco a trôco de meia dúzia de tostões (CARVALHO, 1964, p. 25).

O caso acima se inscreve naquilo que Bagno (2007) entende como preconceito linguístico. De acordo com o linguista, as relações hierárquicas que determinam vinculações de linguagem e poder estão fundamentadas na noção de que “[...] do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões” (BAGNO, 2007, p. 59).

A reflexão de Bagno (2007) encontra, na passagem em questão, um modo bastante efetivo de exemplificação. Àqueles que não dominam a norma culta, cabe se curvarem a ela para serem dignos de algum tipo de estima social, tal como na carta enviada pelo aguardenteiro ao Coronel Ponciano Azeredo Furtado. Aqueles que não dominam a norma padrão são colocados em condições de exclusão e preconceito; tornam-se reféns de uma sociedade injusta, na qual os letrados são beneficiados por terem o domínio da escrita. Em contrapartida, o romance de José Cândido de Carvalho realiza uma espécie de ato de resistência ao assimilar e valorizar um conjunto variado de formas coloquiais de emprego da linguagem, como mostramos na subseção 3.1.

Os procedimentos empregados por José Cândido de Carvalho, no nível da linguagem, parecem coadunar com a visão de Ángel Rama acerca da força política dos processos de exploração da plasticidade da língua. Conforme asseveram Aguiar e Vasconcelos (2001): “Rama confiava no poder transformador da palavra e acreditava que é a partir da escrita que se realiza o projeto de construção de uma América Latina autônoma. Vendo no ato da escrita, sobretudo um ato político” (AGUIAR, VASCONCELHOS, 2001, p. 14). O que Rama defende, efetivamente, é que a transculturação narrativa possibilita o entendimento de que a literatura pode se constituir como uma forma de desconstrução de fronteiras culturais, o que significa uma conquista do reconhecimento e da aceitação das diferenças regionais apresentadas no idioma. Cunha (2007) aponta, nesse sentido, que: “Já a plasticidade cultural representaria a forma mais bem-sucedida do processo, onde a resposta intermediadora seria mais harmoniosa, isto é, assemelhar-se-ia ao que muitas vezes o crítico entende pelo processo integral de trocas culturais” (CUNHA, 2007, p. 178).

Parece-nos possível, portanto, afirmar que a posição política de José Cândido de Carvalho se dá no sentido de valorizar variantes regionais e estilísticas e, desse modo, a língua do colonizador é plasmada à maneira do ex-colonizado. Essa abordagem promove uma assimilação e incorporação das peculiaridades das diferentes regiões e localidades, possibilitando um encontro da linguagem popular com a erudita. A riqueza que daí emerge é descrita por Preti (1974) do seguinte modo:

[...] ao lado da culta, colocaríamos as normas regionais, que representam, por seu turno, usos específicos de comunidades menores, afastadas dos grandes centros civilizados, o que não as impede de ter também suas entidades tidas por ideais, dentro dos limites geográficos em que são faladas, apesar de também não chegarem a negar o comportamento linguístico geral, a norma culta. E dentro das normas regionais, igualmente, ocorrem níveis sociolinguísticos, no plano interindividual, fruto das mesmas necessidades apontadas e de outras diretamente ligadas à vida dos grupos sociais menores (PRETI, 1974, p. 37).

No decorrer da obra **O coronel e o lobisomem** (1964), o protagonista vai modificando seus hábitos, estilos e comportamento em função e em decorrência do seu trânsito no meio urbano, do qual recebe influência. Na compreensão de Francis Vanoye, em sua obra **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita** (1996), “Os vocabulários próprios de determinadas regiões, determinadas profissões, ciências ou técnicas levam ainda à definição de outros níveis, segundo critérios diferentes” (VANOYE, 1996, p. 32). Podemos verificar que há, ao longo do romance de José Cândido de Carvalho, mudanças no vocabulário que são determinadas pelos deslocamentos do protagonista do meio rural para o urbano e vice-versa. O nível da narração, paralelamente a isso, continua o processo de exploração da plasticidade da língua, efetuando trânsitos admiráveis entre diferentes níveis de expressão, como podemos verificar no seguinte excerto:

As questionações do Fôro, a lengalenga dos doutôres fizeram de Ponciano um andarilho. Andava de trem em modo de caixeiro-viajante ou salomão vendedor de panos e rendas. Nessa ciganagem de Fôro e estrada de ferro contraí vício de gente política – dei de queimar charuto fino, de fumaça cheirosa. Investava os recintos por onde andava a poder de Flor de Ouro e nem compartimento da Justiça escapava dêsse meu proceder (CARVALHO, 1964, p. 20).

Ao incorporar elementos de oralidade à escrita, José Cândido de Carvalho realiza, uma operação não só de natureza linguística, mas também política, tendo em

vista que valoriza a linguagem coloquial e, conseqüentemente, os modos de produção de pensamento que se esquivam da normatização culta de comunicação. Cagliari (1992) destaca que: “Todos nós, na verdade, somos de certa forma falantes de mais de um dialeto, os quais usamos de acordo com as circunstâncias” (CAGLIARI, 1992, p. 86). O escritor elabora, assim, produções que iniciam-se com as tradições orais até escriturações com apontamentos históricos, sociais e políticos, necessários para o conhecimento da história cultural de um povo. Edit Pimentel Pinto, em **A língua escrita no Brasil** (1986), também enfatiza uma semelhança constatada no entendimento sobre a linguagem regional. De acordo com a teórica:

O processo de aproveitamento da fala regional, que, nesse ponto, se despe de qualquer conotação de “pitoresco”, instala-se, nos vários tipos de discursos de que se compõe o texto, uma nova língua literária, baseada na oralidade: o próprio autor é uma voz regional, que por isso não se preocupa em assinalar graficamente as alterações fonéticas típicas (PINTO, 1986, p. 37, grifo da autora).

O autor Marcos Bagno (2007), compõe relevantes considerações sobre o encontro da língua popular com a erudita, identificando e destacando o papel político da linguagem:

Falar da língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossa atuação concreta como cidadãos, professor e cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, 2007, p. 92).

Em face das múltiplas heranças culturais que refletem e apontam para a necessidade do acolhimento e inclusão das diversidades, cabe ressaltarmos, mais uma vez, o papel da política da linguagem na constituição do indivíduo. Bagno (2007) nos lembra que Aristóteles afirmara que o homem é um animal político a fim de ressaltar como o ato de refletirmos sobre a língua significa, ao mesmo tempo, “[...] que também é tratar de seres humanos” (BAGNO, 2007, p. 19). Paulo Freire, na obra, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** (1985), por sua vez, destaca que: “Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente [...] significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra” (FREIRE, 1985, p. 30). Com base nessa citação, podemos provocar um diálogo com Bagno (2007), no que concerne sobre a

associação da linguagem com a região em que é empregada, pois “[...] o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive” (BAGNO, 2007, p. 61). Nas reflexões teóricas apresentadas em seu livro **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana** (1997), Leonardo Boff destaca a relevância dialógica que contempla e explora o trânsito dos diferentes complexos espaciais que perpassam os valores morais, culturais e sociais. Para ele, o ideal seria estabelecer uma ponte que aproxima essas diferenças culturais. Para o teólogo e humanista:

Não basta sermos apenas morais, apegados a valores da tradição. Isso nos faria moralistas e tradicionalistas, fechados sobre o nosso sistema de valores. Cumpre também sermos éticos, quer dizer, abertos a valores que ultrapassam aqueles do sistema tradicional ou de alguma cultura determinada [...] Valores que nos tornam sensíveis ao novo que emerge, com responsabilidade, seriedade e sentido de contemporaneidade (BOFF, 1997, p. 95).

Diante da importância sobre o papel e a função da cultura, cabe salientarmos o comentário de Alfredo Bosi, em **Dialética da Colonização** (1992), acerca de seu posicionamento sobre a cultura ao afirmar que esta colonização: “É o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p. 16). Essas práticas unificadoras se estabelecem e se consolidam em uma identidade cultural, com suas crenças, costumes e tradições inerentes a esse grupo local que irão produzir um legado às futuras gerações. O gesto político de José Cândido de Carvalho, se dá na composição de uma narrativa produzida por um escritor que é fruto das terras de Campos, as quais o inspiraram, seduziram e o provocaram para todas as questões sociais, políticas e culturais. O autor, apaixonado por suas raízes, revela, valoriza e expõe as peculiaridades e particularidades das crenças, mitos, superstições e simpatias do seu meio interiorano, transitando pelos diferentes falares que nos convocam a refletir sobre esse amálgama que o escritor produz a partir de sua maneira própria de explorar a plasticidade cultural a partir da linguagem.

Em grande medida, **O coronel e o lobisomem** (1964) é um romance que não só dialoga com a transculturação narrativa proposta por Rama, mas que também parece interagir com a tradição moderna brasileira, uma vez que aparenta propor, na esteira do **Manifesto da poesia Pau-Brasil** (1924) de Oswald de Andrade, o princípio

segundo o qual devemos ter: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE,1924, p. 79). Mediante e através da cultura interagimos e compreendemos o outro, construímos a nossa identidade pessoal, social e desenvolvemos uma linguagem que reflete o nosso mundo pessoal.

4 PROCESSOS TRANSCULTURAIS EM O CORONEL E O LOBISOMEM: COSMOVISÃO E CULTURA

Ao longo de **O coronel o lobisOMEM** (1964), José Cândido de Carvalho realiza um verdadeiro inventário não só de frases, vocábulos e expressões regionais, como mostramos na seção anterior, mas também de mitos e crenças. É justamente com a segunda perspectiva que, nesta seção, buscaremos, em primeiro lugar, apresentar e analisar o modo como o escritor fluminense se apropria dessas formas de conhecimento popular em sua obra para, em seguida, refletirmos sobre a dimensão política de tal gesto. O que estará em questão, aqui, é como as diversas figurações da imagem do lobisOMEM, no romance, funcionam como alegorias das próprias relações de poder que circunscrevem o processo político brasileiro, o que nos permite contemplar tal obra na perspectiva do realismo maravilhoso, como o concebe Irlemar Chiampi, e da transculturação no nível da cosmovisão, conforme o conceito de Ángel Rama.

4.1 OS MITOS EM O CORONEL E O LOBISOMEM

Oriundo do grego *mythos*, o termo, de acordo com o Dicionário de termos literários, “significa conceber, pela mediação das forças imaginativas, uma história que reflete um modo não-lógico de enfrentar o mundo” (MOISÉS, 2004, p. 413). Consonante com a concepção de Antônio Henrique Weitzel, em **Folclore literário e linguístico** (1995), os mitos nos confrontam com “entes sobrenaturais, divinos ou divinizados: deuses, gênios, demônios, totens, duendes, em suas inúmeras figurações” (WEITZEL, 1995, p. 36). Enigmas, assombrações e ambientes pitorescos; em suma, nos colocam diante de um conjunto de produtos do imaginário popular, ao buscar discorrer e descrever o surgimento de algo que induz ao sobrenatural e à crença.

A circulação dos mitos se dá, fundamentalmente, por meio das tradições folclóricas, da transmissão oral de narrativas concebidas no âmbito da cultura popular. Como destaca o folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo, em seu livro, **Contos tradicionais do Brasil** (2004), os mitos constituem uma outra modalidade do saber, a partir da qual somos ensinados a conhecer “[...] o espírito, o trabalho, a tendência,

o instinto, tudo quanto de habitual existe no homem. Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular” (CASCUDO, 2004, p. 11-12). Nesse sentido, parece-nos fundamental destacar como não só a linguagem confere perenidade a uma determinada forma da imaginação popular, mas também como os próprios mitos forçam a linguagem a abandonar determinadas categorias de funcionamento lógico-oracionais e, muitas vezes, de verossimilhança. Não é por acaso que aí reside sua relevância no plano da literatura para as crianças. A pesquisadora Nelly Novaes Coelho, em **Literatura infantil: teoria, análise, didática** (2000), destaca, a importância da incorporação dos mitos nesse gênero literário:

Percorrendo a história da humanidade, verifica-se que o mito e a história caminham juntos e, em última análise, um explica o outro: o mito (construído pela imaginação, pela intuição do homem) responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, zona inabarcável pela inteligência; a história (construída pela razão) responde pela parte clara, apreensível e mensurável pelo pensamento lógico (COELHO, 2000, p. 169, grifos da autora).

Se o mito corresponde a uma outra modalidade do conhecer que subverte as próprias normatizações sintático-semânticas e as convenções narrativas usuais da literatura, parece-nos inequívoco que a análise do modo como os romances se apropriam das mesmas nos abrem a perspectiva para refletirmos sobre a construção de uma espécie de entre-lugar marcado pela negociação complexa entre diferentes sistemas de pensamento. Impõe-se aqui, portanto, a seguinte pergunta: como José Cândido de Carvalho, em **O coronel e o lobisomem** (1964), se apropria de mitos populares para empregá-los na tessitura da sua narrativa?

O romance em questão é perpassado por uma constelação de mitos e lendas. Entre eles, interessa-nos, particularmente, debruçarmos sobre duas figuras singulares, pelo protagonismo que ambas apresentam no curso da narrativa: a do lobisomem e a da sereia. No que diz respeito à primeira, é forçoso salientar, de partida, que a centralidade desta figura se dá desde o título, que sugere, a princípio, algum tipo de relação – **O coronel e o lobisomem**. Ao longo do texto, evidencia-se que, entre a amizade e a confrontação, a presença da criatura se afigura enquanto forma de dramatização do segundo caso:

Atrás, abrindo caminho e destorcendo mato, vinha o vingancista do lobisomem. Roncava como porco cevado. Assim acuada, a mulinha avivou carreira, mas tão desinfeliz que embaralhou a pata do coice numas embiras-de-corda. Não tive mais governo de sela e rédea. Caí como sei cair, em posição militar, pronto a repelir qualquer ofendimento. Digo sem alarde, que o lobisomem bem podia ter saído da demanda sem avaria ou agravo, caso não fôsse um saco de malquerença. Estando eu em retirada, pelo motivo já sabido de ser portador de galão e patente, não cabia a mim entrar em arruaça desguarnecido de licença superior. Disso não dei conta ao enfeitado, do que resultou a perdição dêle. Como disse, rolava eu no capim, pronto a dar ao caso solução briosa, quando o querelante apresentou aquela risada de pouco caso e deboche. Não precisou de mais nada para que o gênio dos Azeredos e demais Furtados viesse de vela solta. Dei um pulo de cabrito e preparado estava para a guerra do lobisomem. Por descargo de consciência do que nem carecia, chamei os santos de que sou devocioneiro (CARVALHO, 1964, p. 154).

Antes de analisarmos, particularmente, o modo como Cândido de Carvalho se apropria do mito do lobisomem, faz-se mister a compreensão dos contextos de formação e de circulação da referida figura. Em **Geografia dos mitos brasileiros** (1976), Cascudo assevera que em cada canto, vila e povoado espalhados pelo Brasil, é possível encontrar uma história diferente acerca do lobisomem. A partir da recolha e do inventário que produziu com base nos diferentes modos como comunidades distintas plasmas o mito em questão, o folclorista expõe algumas de suas variantes. Convencionalmente, de acordo com Cascudo, a base de interpretação do personagem é o animismo, ou seja, uma manifestação da cosmovisão local segundo a qual as entidades não humanas possuem uma essência espiritual, podendo assumir retratações duais, próximas à matéria e ao homem simultaneamente, ao transcendente e ao religioso. Segundo o autor, no mito dos povos indo-europeus ser ou se tornar lobisomem é um fardo e uma enfermidade moral, servindo, ainda que de forma punitiva, como instrumento de redenção. Porém, seja nas tradições e construções populares nacionais, seja na mitologia de outros países, a heterogeneidade e a somatização de culturas são constantes. Em **Literatura oral no Brasil** (1978), Cascudo destaca que em terras brasileiras, ocorreu a dissolução do aspecto moral e divino: “No Brasil o lobisomem só desencanta ferido. Não teme as orações. Corre na noite de quinta para sexta, como o *loup-garou* medieval tinha o destino de correr *la galipote*. Desapareceu a punição moral” (CASCUDO, 1978, p. 184, grifos do autor). Permanece, ainda, a predileção pelos animais e pelas crianças novas, provavelmente seguindo a tese da energia vital e sanguínea apresentada anteriormente. A construção do mito foi, então, sustentada em torno da questão da doença sob diversas facetas, tratando-se de enfermidade, falta de sangue, anemia:

“O lobisomem ataca animais novos e crianças para beber o sangue, sugando pela carótida. É, como se vê, o último degrau para a dissolução de um mito outrora de punição divina, exclusivamente de efeito religioso” (CASCUDO, 1978, p. 184).

Na matriz portuguesa do mito, relata-se que toda mulher que tem sete filhos homens corre o risco de que um deles seja um lobisomem; já a que circula no sul do Brasil, o mito é comumente associado à imoralidade, em especial, a uma forma de punição contra o incesto. Em outra versão, ainda, cunhada no norte do Brasil, a figura do lobisomem é associada a patologias e problemas fisiológicos:

Todos os anêmicos são dados como candidatos à licantropia salvadora. Transformados em lobos ou porcos, cães ou animais misteriosos e de nome infixável, correm horas da noite atacando homens, mulheres, crianças, todos os animais recém-nascidos ou novos, como cachorros, ovelhas, cabrinhas, leitões etc. Derribada a vítima, o Lobisomem despedaça-lhe a carótida com uma dentada e suga-lhe o sangue. Essa ração de sangue justifica, na impressão popular, a licantropia sertaneja. Se o hipoêmico não conseguir a dose de sangue necessária ao seu exausto organismo, morrerá infalivelmente (CASCUDO, 1976, p. 156-157).

O folclorista Gustavo Barroso, por sua vez, descreve, com riqueza de detalhes, em **Ao som da Viola** (1921), que tipo de feições o mito do lobisomem ganhou quando enraizado na cultura nordestina, observação que dá sustentação à hipótese do autor de que a valorização mítica que envolve as crenças populares é responsável pela organização de uma cosmovisão cultural e social:

Na sua opinião, todos os homens muitos pálidos, opilados, que eles (os sertanejos nordestinos) chamam ‘amarelos’, ‘empambados’ ou ‘come-longes’, transformam-se em lobisomens nas noites de quinta para sexta-feira. Para esse efeito, viram a roupa às avessas, esponjam-se sobre o estrume de qualquer cavalo ou no lugar em que este se espojou. Crescem-lhes logo as orelhas, que caem sobre os ombros e se agitam como asas de morcegos. A cara torna-se horrível, meia de lobo e meia de gente. E os infelizes saem correndo pelas estradas, loucamente, a rosnar, cumprindo o seu fado (BARROSO, 1921, p. 703, grifos do autor).

Dentre as diversas descrições possíveis, chama-nos a atenção aquela feita por Cornélio Pires, de acordo com Câmara Cascudo (1976), que não só se apoia no aspecto grotesco de suas feições e no potencial destrutivo da criatura, como também emula os efeitos de oralidade próprios ao modo de circulação desta narrativa:

[...] o lubisóme é um cachorrão grande, preto, que saí toda a sexta-fera cumê bosta de galinha, daquelas preta, mole, que nem sabão de cinza... Ele saí e garra corrê mundo nu'a toada, sem pará, cabeça-baxa, esganado e triste...Vacê arrepare in tuda a casa de sitio: in baxo das jénela tá tudo ranhado de lubisóme. Ele qué intrá p'ra cumê as crianças que inda num fôro batizado (PIRES, 1927 apud CASCUDO, 1976, p. 161).

Para além do seu modo de apresentação, seja em termos linguísticos, seja sob o ponto de vista das variantes de sua história, podemos afirmar que o mito do lobisomem está intrinsecamente ligado a formas de materialização do imaginário popular, aos seus princípios ético-morais e suas formas de interdição. Theobaldo Miranda Santos nos lembra, na obra **Lendas e mitos do Brasil** (1980), que em determinadas tradições ele está associado à maldição da família ou ao mito dos sete filhos, enquanto em outras, o animal é desencantado por aquele que o machuque e faça escorrer seu sangue – correspondente à sua energia vital e fator existencial. Nesses mitos, é posta em questão uma relação direta entre a pureza vital e sanguínea, ora da criança, ora do cachorro, e a preferência do lobisomem. O leite materno concretiza-se, assim, como alimento de nutrição, pureza e força. Entretanto, é o homem adulto, com suas qualidades, que se torna o potencial opositor, assumindo protagonismo. Percebemos, ainda, que Santos (1980) também apresenta o rito de transformação do lobisomem, com suas distinções em cada cultura, desde o local em que o realiza até suas características físicas:

Alguns acreditam que seja um indivíduo amaldiçoado pelos pais ou pelos padrinhos. Outros acham que é o sétimo filho de um casal. Geralmente, é um homem magro e muito pálido. Não tendo sangue, está condenado a morrer se não encontrar um jeito de ficar corado. Vai, então, sexta-feira, à meia-noite, a uma encruzilhada, onde tira a roupa e vira pelo avesso. Depois, dá sete nós em qualquer parte da roupa. Deita-se, em seguida, no chão, e roda, da esquerda para a direita, como um animal. Vira então bicho. Seu corpo fica coberto de pêlos compridos, as orelhas crescem, a cara toma a forma da de um morcego, as unhas aumentam e viram garras. Corre com os joelhos e cotovelos, os quais, pela manhã, estão ensanguentados. Logo que se transforma em bicho, o lobisomem sai à procura de sangue para beber. Cachorro novo, bacorinho e criança de peito são os preferidos pela pureza do seu sangue. Mas, na falta destes, o homem também serve. Por isso, as pessoas adultas são atacadas pelo monstro. Para desencantar o lobisomem, basta qualquer ferimento, por onde escorra sangue. Volta então à forma humana e nunca mais vira bicho, enquanto o desencantador viver. Se desfizemos os sete nós de sua roupa, o lobisomem ficará para sempre, correndo sem parar (SANTOS, 1980, p. 57- 58).

Ao fim e ao cabo esse pequeno inventário que apresentamos sobre as diferentes encarnações do lobisomem cumpre registrar como um mesmo mito vai

sendo plasmado em diferentes formas narrativas e, sobretudo, como uma reflexão sobre o mesmo expõe como cosmovisões distintas são figuradas. Nesse sentido, cabe investigar que tipo de diálogo José Cândido de Carvalho mantém com a figura do lobisomem, isto é, como e para que fins o escritor incorpora o referido mito em seu romance.

O lobisomem na obra **O coronel e o lobisomem** (1964), em sua aparição, deixa algumas pistas, percebidas somente pela observação da mudança de comportamento de seres com sensibilidade mais aguçada, como a mula, cujo instinto de sobrevivência está sempre aflorado. Outras, de maior intensidade, são notadas pelo protagonista, como a audição de folhas secas sendo pisoteadas:

Foi quando, sem mais nem menos, deu entrada no meu ouvido aquê assobio fininho, vindo não atinei de onde. Podia ser cobra em vadiagem de luar. Se tal fôsse, a mula andava recoberta de razão. Por isso, dei prazo de espera para que a peçonha da cobra saísse no claro. Nisso, outro assobio passou rentoso de minha barba, com tanta maldade que a mula estremeceu da anca ao casco, ao tempo em que sobrevinha do mato um barulho de fôlha pisada (CARVALHO, 1964, p. 153-154).

Por vezes, os acontecimentos naturais afloravam as demonstrações de medo dos animais, muitas vezes associados à figura do lobisomem: “Era um bater de portas, uns latidos de cortar o coração. Alta madrugada, o gado dava de gemer. Porteira abria e porteira fechava sem mão de gente viva. Era o lobisomem em penitência” (CARVALHO, 1964, p. 122).

Outra figura mítica que cumpre um importante papel na narrativa de **O coronel e o lobisomem** (1964) é a sereia, cujo aparecimento se dá na passagem abaixo:

Dito isso, em braço carinhoso arrastei a cativa para o sêco – o rabo ficou em bacia de mar, como é da lei das sereias. O restante, que é a parte melhor, calhou de caber todinho no meu colo. A môça, como atingida de paixão, recostou a cabeça no meu ombro e dêsse confôrto soltou todas as cantorias das águas, maravilha que foi ouvida em afundadas léguas de mar e costa, mesmo em navio de alta trafegação. Aviso que era canto das maiores feitiçarias (CARVALHO, 1964, p. 94).

A lenda da sereia possui diferentes origens e figurações. Os portugueses, homens do mar que realizam o processo de colonização do Brasil, trouxeram suas lendas marítimas, de sereias e animais fabulosos, e adaptaram-nas às existentes na terra conquistada. A figura da sereia representa um tesouro cultural comum aos

navegadores: “A forma peixe-mulher, com que a Sereia aparece no fabulário ibérico do século XV, é uma confusão entre Oceânides e Sereias. O corpo da primeira com a voz da segunda” (CASCUDO, 1976, p. 124). O folclorista ainda salienta que:

Portugal possuiu outro elemento mítico de extrema popularidade sentimental. Foram as Mouras encantadas. Eram filhas de Reis ou de príncipes mouros, reféns de soberanos cristãos, deixadas na terra portuguesa para vigiar tesouros escondidos até que voltassem a dominar. Cantavam as Mouras nas ameias sinistras dos castelos em ruínas, e, em sua maioria nas fontes tímidas, nos rios e regatos, pedindo que um homem de coragem lhes quebrasse o encanto secular. Animais terríveis guardavam-nas. Quem vencesse, teria fortunas incríveis e a Moura, tornada mulher, seria a esposa doce e fiel. O canto das Mouras era uma longa alusão ao ouro, pedrarias e armas espelhantes que dormem dentro de rochas ou de torreões esborcinados. Com a Moura Encantada temos vários itens formadores da lenda. Há uma mulher encantada que canta divinamente e oferece tesouros a quem dela se aproximar. Transforma-se sempre em cobras gigantescas, usa cabeleira longa e é de estonteadora beleza (CASCUDO, 1976, p.124-125).

Ressalta Cascudo (1976) que a também conhecida figura da Uiara representaria uma roupagem da cultura europeia, denunciando o poder e a imposição do colonizador, consolidando e reforçando os abusos e excessos de autoridade, inerente à tradição cultural dos brancos. Contribuindo para o esquecimento das raízes culturais indígenas. De acordo com o teórico:

A lara (ig-água, iara-senhor) é uma roupagem de cultura européia. Não há lenda indígena que tenha registrado a lara de cabelos longos e voz maviosa. Lendas indígenas mais velhas citam sempre o velho homem marinho. Nunca a lara. A presença da lara denuncia o branco ou a influência assimiladora do mestiço, irradiante e plástico (CASCUDO, 1976, p.128).

Cascudo (1976) observa, também, a existência de uma versão da Uiara na concepção afro-brasileira:

Nós sabemos igualmente que as Mães-d'Água africanas, com o culto confundido com as égides católicas, tiveram festas de esplendor. Ainda se festeja Iemanjá na Bahia, Rio e Pará escondendo-a sob os paramentos do Senhor Bom Jesus dos Navegantes ou Nossa Senhora das Candeias. Mas se as Mães-d'Água africanas têm sua liturgia e fiéis devotos, o culto não lembra a lara, tão européia em tudo... o que prepondera em nosso fabulário é a Mãe-d'Água dos brancos, vinda dos portugueses e com modificações negras (CASCUDO, 1976, p. 133).

Resistindo às trocas culturais e lutando pela existência e emancipação de suas culturas e manifestações religiosas, as religiões de matriz africana trazem em seu cerne a questão étnica, que traduzem em suas divindades e liturgias. A entidade de lemanjá, embora sincrética com o contexto brasileiro, é negra e mulher, reverenciando algumas culturas africanas e seu legado de resistência. Noutras culturas, como a grega, as sereias que remetiam ao culto dos mortos e à manifestação do transcendente. Já na cultura indígena e ameríndia, a sereia é simbolicamente associada ao conceito de pecado, sendo, por isso, repudiada em determinados eventos religiosos e espaços de filiação católica. Cascudo, na obra **Superstição no Brasil** (1985), também revela o conhecimento de determinados povos sobre essa figura:

A sereia, mãe-d'água, batismo ameríndio de lara, não teria jamais esta função e não a sabemos senhora destes atributos lúgubres e pacificantes. Os indígenas brasileiros não conheciam, antes do Descobrimento, a figura da sereia, a lara literária, exportação mediterrânea através do português. Esta, povoando os rios amazônicos, é imagem do pecado, matando no amor. Não podiam aparecer num templo católico e decorar a capela do Santíssimo Sacramento. A outra sereia, símbolo dos mortos, é que orna o altar-mor e capela do Santíssimo, em João Pessoa (CASCUDO, 1985, p. 184)

Diante do contexto histórico de formação social e, conseqüentemente, religioso, de hibridização de grupos e de culturas, inúmeras foram as representações desse mito – uma forma de figuração transcultural, tendo em vista que assume diferentes formas, como as de Uiara, Mães-d'água, lemanjá e sereias. Assim como nos perguntamos acerca do lobisomem, cumpre indagarmo-nos também sobre o modo pelo qual o mito da sereia é incorporado na narrativa de José Cândido de Carvalho e a que finalidade serve tal gesto de apropriação.

No romance, o protagonista Ponciano Azeredo de Furtado tem o desafio de enfrentar este ser lendário do mar que possui uma voz suave e tocante. Fugindo e contrariando as narrativas clássicas dos homens sucumbirem à sua magia, o personagem do sertão consegue se desvencilhar sem se deixar levar pela beleza, canto e sedução da sereia. Conforme podemos ler em Carvalho (1964), o protagonista relata:

Foi nessa especial circunstância que tive o maior espanto destes anos todos de pasto e vento. Saído não sei de onde, veio vindo aquêlo canto mimoso, que parecia nascido da garganta dos anjos mais afinados. O coração de Ponciano logo pulou de saudades curtido. E, antes que outro quebranto

viesse, suspendi o cativo fora da marola, na altura do peito. E na presença do luar apareceu aquêlo rosto de bonitezas, cabelo de ouro pingando água e bôca cheirosa chamando por mim [...] (CARVALHO, 1964, p. 94).

Na passagem em questão, José Cândido de Carvalho assimila o mito da sereia branca europeia, cuja imagem é conhecida desde **A Odisseia**, de Homero, e que circula na tradição oral, nos livros impressos e, de um modo geral, no imaginário cultural brasileiro. As assombrações e os seres sobrenaturais compõem o imaginário e a cosmovisão populares. Nos relatos da ficção carvalhiana, os segredos da vida se misturam com a realidade e com a imaginação, ao despertar e seduzir o leitor por meio de encantamentos e registros de fatos decorrentes do pensar mítico. Segundo a professora Maria Aparecida Nogueira Schmitt, na obra **Utopias transculturais na heterogeneidade latino-americana** (2013): “[...] as palavras, fascinantes como o canto das sereias, desnorream os próprios narradores, quando articuladas na emoção dos contadores dos casos, embriagados pelo perfume das matas brasileiras” (SCHMITT, 2013, p. 169). Partindo da imaginação de quem o cria.

4.2 A INCORPORAÇÃO DO MITO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA EM O CORONEL E O LOBISOMEM

Os mitos, como apresentamos na subseção anterior, atuam como elementos desencadeadores de uma espécie de consciência social. Esse aspecto pode ser evidenciado no modo como as imagens do lobisomem e da sereia se constituem como formas transfiguradas de comportamentos éticos individuais e coletivos. Com essa concepção, gostaríamos de nos concentrar, nesta subseção, no seguinte problema: em que medida o processo de transculturação que se realiza em **O coronel e o lobisomem** (1964), no nível da cosmovisão, pode ser pensado de uma perspectiva política? É importante salientarmos que a dimensão política que queremos aqui assinalar diz respeito ao modo como determinadas produções literárias, como a de José Cândido de Carvalho, rompem com determinados códigos hegemônicos de representação estritamente vinculados aos estratos socioeconômicos detentores do poder. Não é por acaso que, para Rama (2008), o nível da cosmovisão é considerado como o mais relevante, tendo em vista a importância do resgate do tempo pretérito

como guardião do pensamento mítico nos processos de transculturação narrativa. Segundo o teórico:

Resta ser considerado um terceiro nível de operações transculturais, que é o central e o focal, representando a visão de mundo que, por sua vez, gera significados. As respostas desses herdeiros 'plásticos' do regionalismo aqui proporcionaram os melhores resultados (RAMA, 2008, p. 57, grifo do autor)⁸.

A análise dos mitos se oferece, nessa perspectiva, como uma forma eficiente para pensarmos o conjunto de ideologias que os engendrou. Aguiar e Vasconcelos (2001) asseveram, a respeito da questão, que “[...] a cosmovisão é o ponto em que se engendram significados, definem-se valores, desenvolvem-se ideologias” (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 12). As narrativas transculturais trazem à luz um modo particular de incorporação de histórias oriundas de diferentes matizes culturais e que circulam no plano da oralidade. Os autores acrescentam que:

Os transculturadores descobriram o mito. Porém, essa descoberta não será feita de acordo com as espécies da narrativa culta da época, ou seja, como formas literárias já congeladas sobre as quais tentar novas variações à luz do irracionalismo que mitifica o discurso racional preexistente, mas sim como um repertório quase fabuloso de elementos que não haviam sido explorados nem utilizados livremente pela literatura narrativa do regionalismo, embora vivesse ao lado dele (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001, p. 223-224).

José Cândido de Carvalho nos revela, por meio do romance que constitui o *corpus* literário desta dissertação, que o papel dos mitos seria uma forma de refletir e aprofundar sobre a visão de mundo do povo interiorano, assim como acerca do relacionamento que as pessoas estabelecem entre si e com o outro, e o seu papel em relação ao mundo que as envolve. Representando, assim, uma identidade cultural e um ato de oposição aos modelos impostos, “O mito detém tanto a capacidade de reconstruir a identidade de um povo como também a de quebrar os espelhos que refletem sua subserviência aos modelos impostos por culturas dominadoras” (SCHMITT, 2013, p. 165). Por essa perspectiva, a incorporação de mitos oriundos da cultura popular dentro da forma romance consiste em uma ação política na medida

⁸ “Queda aún por considerar un tercer nivel de las operaciones transculturadoras, que es el central y focal representando por la cosmovisión que a su vez engendra los significados. Las respuestas de estos herederos “plásticos” del regionalismo, depararon aquí los mejores resultados” (RAMA, 2008, p. 57, grifos do autor).

em que coloca em diálogo, sem hierarquias qualitativas, diferentes tradições narrativas, concebidas em linguagens distintas e que refletem formas de cosmovisão particulares.

Ángel Rama (2008) destaca que “Utensílios, normas, objetos, crenças, costumes, existem apenas em uma articulação viva e dinâmica, que é o que projeta a estrutura funcional de uma cultura” (RAMA, 2008, p. 47)⁹. Destarte, lendas e mitos que integram as manifestações folclóricas e religiosas se configuram como instrumentos políticos na medida em que formam e estruturam sistemas ideológicos e de organização social. As narrativas orais e visuais constituem artifícios próprios de comunicação, de identidade e de base política que engendram e moldam as comunidades e sociedades. Logo, as populações e os indivíduos se desenvolvem como protagonistas e sujeitos das histórias e da vida social que os permeia com todos esses ideários para reprodução, assimilação e sincretismo.

Os mitos do lobisomem e da sereia, assim como quaisquer outras formas de crença fortemente arraigadas de representação simbólica, articulam imaginários e sociabilidades, promovendo ou se colocando como indício de alterações nas relações sociais e/ou na cultura. Portanto, a religião, as espiritualidades e as narrativas folclóricas não nos interessam como tal, mas, sim, no papel que cumprem e que consolidam na tradição cultural de uma determinada comunidade. Assim, essas tradições se consolidam como estruturas e variantes determinadas por elementos sociais, por serem condicionadas por fatores temporais, políticos, históricos e geracionais. A religião, por exemplo, nos lembra Pieper, “[...] interessa enquanto conjunto de mitos, ritos, práticas, símbolos etc. no seu impacto na tessitura social. O que importa para essa tendência é compreender as sociedades humanas” (PIEPER, 2015, p. 375).

Antes de realizarmos, mais efetivamente, uma leitura que apresente a importância política da cosmovisão a partir do nível representacional, isto é, sobre o sentido das imagens dos mitos, particularmente, do lobisomem, no romance, é fundamental salientar que o aspecto transculturador de José Cândido de Carvalho já é visível no modo como o escritor encena aquilo que Ernst Cassirer em **Linguagem e mito** (2009) entende como uma conexão na estrutura do mundo da linguagem e do mito. De acordo com o filósofo alemão: “A consciência teórica, prática e estética, o

⁹ “Utensílios, normas, objetos, credencias, costumbres, sólo existen en una articulación viva y dinámica, que es la que diseña la estructura funcional de una cultura” (RAMA, 2008, p. 47).

mundo da linguagem e do conhecimento da arte, do direito e o da moral, as formas fundamentais da comunidade e do Estado, todas elas se encontram originariamente à consciência mítico-religiosa” (CASSIRER, 2009, p. 64). Nesse sentido, a palavra se constitui como uma espécie de arquipotência, isto é, sua enunciação se constitui como forma de figuração, por meio de uma **imagem mental**, de um conjunto de valores culturalmente institucionalizados. Dizer **lobisomem**, **sereia**, **mau-olhado**, **assombração**, dentre outros termos que permeiam o romance significa, portanto, assimilar, a partir da literatura canônica, um conjunto de palavras e crenças que circulam na oralidade, trazendo a reboque os imaginários que instituem-se a partir das mesmas. O diferente não é mais o exótico, como as tradições das literaturas brasileiras anteriores assinalavam, mas é algo que nos constitui, que está hibridizado com o racionalismo europeu. Voltando, uma vez mais a Cassirer, é fundamental perceber que a palavra escrita se estabelece, portanto, como o elemento que efetiva esse amálgama entre diferentes sistemas de pensamento que, uma vez neste território, tiveram que colocar em um curso um complexo processo de negociação – transculturação – a fim de que se pudesse acomodar com a ordem do discurso diferentes concepções de mundo, sistemas de pensamento, cosmovisões:

Pois, a palavra, como se fosse uma estrutura de outra ordem, de uma nova dimensão intelectual, interpõe-se, por assim dizer, entre os diferentes conteúdos perceptivos, tais como se impõem à consciência no seu imediato aqui e agora; e, precisamente esta interposição, este sobressair-se da esfera da existência imediata, é que lhe confere a liberdade e agilidade que lhe permite mover-se entre um conteúdo e outro e conectá-los entre si (CASSIRER, 2009, p. 74).

Essas reflexões preliminares nos ajudam a compreender melhor a relevância de se investigar a questão da cosmovisão por meio da análise do texto literário. Este aspecto, na obra **O coronel e o lobisomem** (1964), está centrado nos relatos míticos, resgatados das tradições, das crenças e das lendas. Desse conjunto simbólico são extraídas algumas imagens sagradas, reverenciadas pelas crenças populares que fortificam a devoção, às quais são atribuídas a superação dos enfrentamentos e o poder de cura das doenças que surgem no decorrer da obra. Ao longo do romance, Ponciano transita entre as orações católicas e outras com suplicações religiosas.

Sob o ponto de vista da presença do catolicismo no romance, há diversas passagens com referências a missas, procissões, ladainhas, e outras práticas tradicionais, indicando a crença nos poderes dos santos padroeiros: “Promessa é

promessa, coisa de ser respeitada” (CARVALHO, 1964, p. 34), diz Ponciano. O narrador, também, destaca que “A velha Francisquinha prometeu novena e Antão Pereira um galo de cêra ao milagroso Santo Antônio, caso o bichinho voltasse são e salvo” (CARVALHO, 1964, p. 187); e as tradicionais práticas ligadas à fé católica, como a crença na água benta: “Mas soubesse o povo ignorante dos pastos que uma água de frasco não podia correr parelha com reza de fé, uma simpatia feita em nome de São Bento ou qualquer milagroso dado a desfeitear maldade dos matos” (CARVALHO, 1964, p. 70).

A obra também coloca em destaque a necessidade do povo em pagar suas promessas com velas, novenas, flores, terços, dinheiro, ou com sacrifícios como andar de joelhos: “Dioguinho do Poço, das lonjuras do sem fim, encomendou promessa, uma devoção nunca vista – um Ponciano de Azeredo Furtado todo de cêra, quase dois metros de obra” (CARVALHO, 1964, p. 78). As imagens dos santos, no imaginário popular e coletivo, correspondem a pessoas que em vidas passadas apresentaram comportamentos religiosos em que os atos pessoais eram sempre direcionados e voltados para a caridade, a devoção e a fé. Segundo afirma e aponta o folclorista Cascudo, na obra **Religião no povo** (2011), “Ao lado dos Santos universais e regulares vivem os Santos regionais, irregulares canonicamente, mas consagrados pela confiança popular” (CASCUDO, 2011, p. 104). O protagonista Ponciano de Azeredo Furtado nos apresenta e revela a sua crença em diversos santos como forma de sustentar, fortalecer e alimentar a sua fé: “[...] Jurei por São Jorge e São José, padroeiros de minha devoção, que ninguém no Sobradinho ia travar arruaça de sangue contra a onça” (CARVALHO, 1964, p. 29); ou, ainda, como um meio de, em situações de desespero e necessidade, invocar e conclamar a atuação e bondade de vários santos que agiriam conjuntamente para a realização do pedido do fiel: “Sabia eu também ser piedoso de São Jorge, Santo Antônio e São José. Em tarde de procissão era o primeiro a aparecer, todo barba brilhosa, para puxar andor” (CARVALHO, 1964, p. 16). É fundamental assinalarmos, como nos lembra Schmitt, que “Tais fatos demonstram que colonizados e colonizadores, letrados e iletrados, reservam espaço nas respectivas culturas para o contato com o mundo invisível” (SCHMITT, 2013, p. 92).

Para além das referências ao mundo cristão, o universo místico de **O coronel e o lobisomem** (1964) também hibridiza sistemas de crenças oriundas das culturas indígena e afro-brasileira. Nesse sentido, o aspecto que verdadeiramente revela o

caráter transcultural do romance no nível da cosmovisão é o processo de sincretismo religioso que atravessa toda a obra. Em uma determinada passagem, a personagem Francisquinha apela para a superstição como forma de proteger o filho:

Francisquinha, a par da noite de lobisomem que passei, encheu o seu menino de chá de descarrego e macela limpadeira da entranha. Não satisfeita, procedeu a uma fumegação reforçada de reza, que algum ôlho grande podia estar encravado em mim (CARVALHO, 1964, p. 73-74).

Outro aspecto que reforça o caráter sincrético do romance é a presença de benzedoras/os, que recebem diferentes nomes, variando de acordo com cada região: benzedoras/es, benzedoras/os ou curandeiros/as etc. Em geral, essas denominações são empregadas para caracterizar as pessoas que se utilizam de folhas e ervas medicinais, imagens de santos, rosários, oratórios e do dom da palavra para repelir todos os tipos de problemas. Não podem receber nenhuma quantia pela oração ou prática feita; segundo o dito das curandeiras: “[...] o que recebe de graça, que seria o dom de curar, deve ser dado de graça” (WEITZEL, 1995, p. 245). O estudioso e pesquisador Weitzel destaca que as benzedoras misturam convocações de força mágica com orações católicas. Encontra-se no seu livro a seguinte descrição do ritual para tirar mau olhado: “- Assim como dois te puseram, com três eu te tiro, com as graças de Deus e da Virgem Maria – Benze-se, fazendo cruces com um galho de arruda na frente e atrás da pessoa. No final, joga-se o galho em água corrente” (WEITZEL, 1995, p. 247).

Algumas benzeções ocorrem com rezas, sal, água benta, nomes de santos, ramos verdes, chás e efusões. Há, em **O Coronel e o lobisomem** (1964), passagens que demonstram a crença em curandeiros populares:

Enquanto o coronel andava na cidade, êle, liberado das garras da doença, aumentou a profissão de curador, aprendeu outras simpatias, tais como cura de quebranto, barriga-d'água, espinhela caída e carne rendida, fora um reconfortativo de sua inventoria, de grande prestantça em caso de fraqueza (CARVALHO, 1964, p. 258).

Na passagem anterior, percebemos como um outro sistema de pensamento, não racionalista, ocidental e branco, faz-se presente em **O coronel e o lobisomem** (1964). De acordo com o narrador, “Cuidava a boa negra de espantar, na fôrça da devoção, os quebrantos do coronel” (CARVALHO, 1964, p. 74). Em outro trecho

afirma-se que: “O coronel precisa de uma devoção de descarrego” (CARVALHO, 1964, p. 227). O elemento sincrético e de trânsito de culturas é evidenciado na presença constante da tradição das benzedadeiras e dos rituais religiosos afro-brasileiros. O dom de curar, a convocação de forma mágica, a ativação das energias da natureza, os trabalhos de descarrego, limpeza energética, energização espiritual e o domínio das linhas de trabalho vinculadas aos Orixás consistem em práticas realizadas em algumas cerimônias ritualísticas.

O romance também oferece ao leitor um amplo repertório de práticas ligadas às simpatias, que são procedimentos que, para algumas pessoas, podem surtir efeitos admiráveis. Em um determinado fragmento do romance, os personagens fazem uso dos poderes milagrosos da folha de arruda: “Vou andar com galho de arruda na concha da orelha” (CARVALHO, 1964, p. 113). Como nos ensina Cascudo, na obra **Tradição, ciência do povo** (1971), a planta arruda é muito usada para purificar ambientes e espantar energias ruins,

[...] em casa mal-assombrada espalham-se em todos os aposentos e em maior quantidade na soleira das portas, fôlhas de Arruda e Alecrim, verdes. Os devotos do Catimbó e dos Candomblés-de-Cabocos indicam as fôlhas da Jurema, “preparadas” pelos Mestres. As fôlhas sêcas já não têm as fôrças (CASCUDO, 1971, p. 73, grifo do autor).

O repertório oferecido pelo romance também acolhe as superstições. Segundo o folclorista Cascudo, no **Dicionário do folclore brasileiro** (1972), elas: “Resultam essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular” (CASCUDO, 1972, p. 819). Diante desse pensamento, Silvia Meirelles, em **O livro das crendices** (2005), tece o seguinte comentário: “Acredita-se que as superstições surgiram da necessidade de o homem apaziguar o ânimo diante daquilo que não consegue compreender ou controlar” (MEIRELLES, 2005, p. 11). O alho, por exemplo, que tanto serve como forma de cura, comprovadamente, possui propriedades antibióticas: “De imediato aconselhei Nico a limpar a parte sofrida com fumo de rôlo e cataplasma de alho e enxofre” (CARVALHO, 1964, p. 62), e, para os crédulos, age como proteção contra situações ruins.

Como observa Cascudo,

O alho é o poderoso soberano dos elementos vegetais na magia terapêutica, branca e negra. Trazido pelos portugueses para o Brasil, ampliou o irresistível domínio nas terras, águas e ares do Continente americano. Afasta todos os fantasmas, animais e sêres da Credulidade e do Mêdo. Quem o conduz, está defendido [...] “o alho é um tiro!” Diz o povo, numa imagem, suficiente. Na Europa é o antídoto das bruxas e feiticeiras. Nem o Diabo o suporta (CASCUDO, 1971, p. 72, grifo do autor).

Portar o alho consiste em uma das tantas estratégias empregadas para se evitar mau-agouro, fenômeno recorrente no romance, seja em virtude da presença de animais: “Como fôsse noite adentrada e uma coruja viesse fazer agouro na varanda [...]” (CARVALHO, 1964, p. 18); seja na busca de restabelecimento da saúde: “Fôra um bom par de reza, que é o que mais garante a cura” (CARVALHO, 1964, p. 62). Dentro dessa concepção, palavras e gestos compõem, como salienta Cascudo (1978),

[...] o conjunto de regras sagradas que ritmam a aproximação do homem à divindade compreendendo os ritos de trabalho e de acomodação social, presididos pela casta sacerdotal ou real, e outra ainda, reunião de contos, fábulas, exemplos, brincadeiras, superstições alheias inteiramente ao cerimonial da tribo, além de lendas e contos etiológicos que pertencem ao mundo inteiro, adaptando-se às cores locais para os efeitos divulgativos (CASCUDO, 1978, p. 30).

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), acolhem-se, democraticamente, diferentes cosmovisões, a partir de uma assimilação complexa entre crenças e práticas oriundas de matrizes religiosas distintas. O aspecto político pode ser evidenciado, tendo em vista que são valorizados sistemas de pensamento e de crenças fora da tradição eurocêntrica. O que está em questão é, também, um modo não cientificista e popular de lidar com o desconhecido. Cascudo (1971) revela-nos que as tradições, simpatias e superstições atingem a todos, sejam pessoas simples ou detentoras de um determinado nível intelectual ou socioeconômico. O folclorista relata, nesse sentido, que já testemunhou “[...] jornalistas e poetas que traziam, ocultos e embrulhados em celofane, dentes de Alho, preservativos dos ‘maus-ares’. Os dois de maiores relações pessoais no Recife, eram agitados, vibrantes, desassombrados, com diário exercício na imprensa local” (CASCUDO, 1971, p. 67, grifo do autor).

Ao fim, **O coronel e o lobisomem** (1964), inscreve-se em uma perspectiva transcultural no modo como sincretiza diferentes tradições religiosas e, conseqüentemente, hibridiza formas de cosmovisão distintas, fazendo-as conviver em

uma mesma sociedade, sem hierarquias ou quaisquer outras formas de constituição de poder. Na já mencionada obra **Utopias transculturais na heterogeneidade Latino-Americana** (2013), Maria Aparecida Nogueira Schmitt, citando Jean Franco, estabelece uma reflexão a partir da qual podemos pensar onde reside a importância do romance de José Cândido de Carvalho: “[...] como sintetiza Jean Franco, uma transculturação que tem salvo e transformado a cultura, a língua e as crenças populares” (SCHMITT, 2013, p. 74).

Para além da incorporação democrática e solidária dessa constelação de mitos e crenças na esfera de seu romance, há que se assinalar a relevância do emprego, por José Cândido de Carvalho, da figura do lobisomem no processo de transculturação no nível da cosmovisão e as suas implicações políticas. Ao longo do romance, o escritor fluminense realiza uma apropriação do lobisomem como recurso de construção simbólica dos diversos medos vividos pelo personagem principal, Ponciano de Azeredo Furtado, e os seus enfrentamentos no decorrer da obra. Carvalho (1964) ressalta esse aspecto no próprio título da obra, levando alguns leitores a aventarem a hipótese de uma história na qual um coronel enfrenta um lobisomem real.

As referências à imagem do lobisomem, ao longo do romance, também se consolidam como forma de transfiguração da realidade política e das relações de poder no Brasil. No último capítulo da obra **O coronel e o lobisomem** (1964), por ocasião de um jantar organizado pelos políticos locais em homenagem ao Dr. Pernambuco Nogueira, o coronel Ponciano, sentindo-se magoado com as atitudes do homenageado, afirma: “– Corja de lobisomem, cambada de sem-vergonhas!” (CARVALHO, 1964, p. 252). Esse fragmento evidencia como um fenômeno político é transfigurado por meio do mito do lobisomem, isto é, assim como o lobisomem é fruto de uma transformação humana cuja consequência é uma mudança de caráter, candidatos se revelam, após as eleições, figuras cujos códigos de conduta não corroboram com as promessas feitas em tempo de campanha e, assim como lobisomens, parecem exercer uma atividade predatória do próprio homem, do povo, de seus eleitores.

Essa estratégia, na qual elementos da realidade política são criticados por meio da transfiguração do próprio real, no caso em questão, sob a forma de mitos, se coaduna com aquilo que Irlemar Chiampi descreveu, a partir de sua leitura da obra de intelectuais latino-americanos como Alejo Carpentier, como **realismo mágico**. De

acordo com a pesquisadora, o realismo mágico deve ser compreendido como um “achado crítico-interpretativo, que cobria, de um golpe, a complexidade temática (que era realista de um outro modo) do novo romance e a necessidade de explicar a passagem da estética realista-naturalista para a nova visão (‘mágica’) da realidade” (CHIAMPI, 2015, p. 19, grifos da autora).

Uma leitura atenta de **O coronel e o lobisomem** (1964) revela como, sutilmente, a imagem do lobisomem realiza um duplo movimento de, primeiro, irromper sobre a própria dimensão realista-naturalista, para, em seguida, apontar, de forma crítica para a mesma realidade, embora de modo já transfigurado. Em uma determinada passagem do romance, por exemplo, o enfrentamento derradeiro entre o coronel Ponciano e o lobisomem se encerra com o ser mítico fazendo a seguinte súplica ao fazendeiro: “– Tenha pena de mim, Coronel Ponciano de Azeredo Furtado. Sou um lobisomem amedrontado, corrido de cachorro, mordido de cobra. Na lua que vem, tiro meu tempo de penitência e já estou de emprêgo apalavrado com o povo do governo” (CARVALHO, 1964, p. 156). O vínculo do lobisomem com a burocracia estatal, evidenciado no excerto em questão, alude aos perigos que este representa para o próprio povo: o medo da devoração, da destruição e da morte.

A construção de alegorias voltadas à transfiguração da própria realidade social, política e cultural na qual um povo se encontra se constitui como uma prática arraigada à história latino-americana. De acordo com Chiampi (2015), o processo de criação de narrativas em que há intervenção de seres sobrenaturais, divinos ou lendários, faz parte das tradições dos povos originários e o interesse por essa dimensão se tornou mais saliente por parte dos escritores latino-americanos no século XX, pois a descoberta de importantes sítios arqueológicos “despertou igualmente o interesse dos escritores para a complexidade do sistema filosófico-religioso dos povos pré-colombianos, que se desenvolve dentro da concepção mágica das forças cósmicas” (CHIAMPI, 2015, p. 44-45).

Em **O coronel e o lobisomem** (1964), o comparecimento da imagem do lobisomem se dá, justamente, em situações em que o extraordinário, o fantástico, se mescla sutilmente ao plano da verossimilhança dos acontecimentos. No oitavo capítulo da obra, por exemplo, o coronel Ponciano menciona o discurso que proferiu durante um julgamento motivado pela discussão em torno da existência ou não dos lobisomens:

Não contente de falar nos moldes dos doutores do Fôro, ainda avivei certo sucedido de lobisomem que acabou nas barras da Justiça em dias recuados dos barões. Jogaram os fundilhos de um suspeito no banco dos réus. A demanda do julgamento, é-lobisomem, não-é-lobisomem, adentrou pela noite, que era de sexta-feira. Pois foi a Lua aparecer na vidraça da casa do Fôro e o tal suspeito soltar aquêlo ganido de cachorro acuado, num desrespeito nunca visto em recinto de lei. E sem pedir licença, como é dever em tais ocasiões, o acusado largou o dente na peça dos autos e demais papéis adjuntos. Sobreveio então um corre-corre de arruaça. Caiu desembargador, caiu mesa, caiu cadeira e cadeirinha. E o lobisomem, dono da sala, fuçando gavetas e tudo mais que calhou de encontrar no caminho. E no deboche, bebeu a tinta toda dos tinteiros e borrifou com ela portas e paredes (CARVALHO, 1964, p. 151).

No fragmento acima, à representação de um acontecimento em consonância com o real, um debate que se desenrola em um tribunal, impõe-se um fato da ordem do supramundano: a aparição de um lobisomem que escarneia da pompa e da circunstância que envolve os ritos próprios aos fóruns de justiça. Na medida em que não há justificativa evidente no plano da narrativa para a irrupção desse fato sobrenatural – seja a revelação de que se trata de um sonho ou de que tal relato é fruto de um momento de elucubração mental –, a presença do mito se inscreve, justamente, no conceito exposto por Chiampi, tendo em vista que, segundo a autora,

A adoção do termo realismo mágico revelava a preocupação elementar de constatar uma “nova atitude” do narrador diante do real. Sem penetrar nos mecanismos de construção de um outro verossímil, pela análise dos núcleos de significação da nova narrativa ou pela avaliação objetiva de seus resultados poéticos, a crítica não pôde ir além do “modo de ver” a realidade. E esse modo estranho, complexo, muitas vezes esotérico e lúcido, foi identificado genericamente com a “magia” (CHIAMPI, 2015, p. 21, grifos da autora).

Há que se questionar, evidentemente, em que medida a aparição do lobisomem e seus atos não se constituiriam em analogias narrativas de projeção dos desejos do coronel de se impor àquela instância institucional que lhe coloca freios que lhe tolhem os desejos. A hipótese do lobisomem como alegoria dos anseios do coronel é passível de ratificação em outras passagens do texto, como, por exemplo, no último capítulo, em que Ponciano retornando para Sobradinho, mergulhado em mágoas, reencontra o tratador de cavalos, Janjão, e o seu amigo gago, Antão Pereira. O protagonista relata o seu desejo pessoal, “guerra de exterminação que eu preparava contra o povo dos impostos” (CARVALHO, 1964, p. 258). E demonstra também sua apreensão: “Corri para a varanda no **receio** que fosse meirinho, portador de intimidação do governo” (CARVALHO, 1964, p. 258, grifo meu). Ponciano revela e confirma a sua angústia: “já

via meirinho da Justiça, protegido pelos meganhas da governança, avançar mourões e porteiros do Sobradinho adentro” (CARVALHO, 1964, p. 259). Fica claro que os pavores do Coronel eram bem reais no que diz respeito ao enfrentamento político direcionado aos governantes. Quanto ao lobisomem, também havia um embate, mas o medo era contido.

Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquê figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pêlo e raiva. Na frente de ostentação tão provida de ódio, a mulinha de Ponciano debandou sem minha licença por terra de dormideira e cipó, onde imperava tôda raça de espinho, caruru-de-sapo e roseta-de-frade. O luar era tão limpo que não existia matinho desimportante para suas claridades - tudo vinha à tona, de quase aparecer a raiz. Aprovei a manobra da mula na certeza de que lobisomem algum arriscava sua pessoa em tamanho carrascal. Enganado estava eu [...] (CARVALHO, 1964, p. 154).

Essas diferentes figurações e sentidos que a imagem do lobisomem adquire, ao longo da narrativa de José Cândido de Carvalho, ratificam o modo como o romance deve ser pensado na perspectiva do realismo maravilhoso, tendo em vista que, seja como projeção de desejo de poder ou como figuração do inimigo político, o texto do escritor fluminense realiza uma negociação complexa entre o local e o universal, o real e o maravilhoso, para dar consistência a uma forma particularmente profícua de transfiguração no plano da cosmovisão. Não obstante, retomando as reflexões de Ernst Cassirer sobre as relações entre a linguagem e o mito, é fundamental destacar a habilidade de José Cândido de Carvalho em articular os planos discursivo e o **mágico**, na medida em que tais domínios, na perspectiva do filósofo alemão se distinguem do seguinte modo:

No pensamento discursivo, a percepção individual é referida à totalidade do ser e do acontecer, ligando-se a esta totalidade por fios cada vez mais finos e mais resistentes. Aqui, porém, as coisas não são tomadas pelo que significam imediatamente, mas por sua aparência imediata, senso apreendidas e corporificadas como pura atualidade [...] a palavra é essencialmente um veículo a serviço da tarefa principal a que esta forma de pensamento se propõe, ou seja, o estabelecimento de uma relação entre o conteúdo intuitivo, singular e momentaneamente presente, e outros que lhe “correspondem” de um modo direto, ou de alguma outra maneira, ou que se conectam com ele segundo uma lei determinada de coordenação (CASSIRER, 2009, p. 74, grifo do autor).

Em grande medida, constituir um embate entre um coronel e um lobisomem, como o título da obra de José Cândido de Carvalho anuncia, consiste em uma forma

de encenar as múltiplas fricções que esta obra transcultural realiza: entre o lógico-discursivo e o mítico, entre o opressor e o oprimido, entre o oral e o escrito, entre o real e o maravilhoso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação iniciou-se refletindo acerca dos fenômenos próprios à transculturação narrativa presentes em **O coronel e o lobisomem** (1964), de José Cândido de Carvalho e em que medida tais aspectos apresentam não só uma dimensão estética, mas também política. A relevância da questão se justifica nas potencialidades que novas categorias de análise, como as elaboradas por Ángel Rama, têm aberto para os estudos contemporâneos de literatura.

Com o objetivo de apresentar as condições históricas que ensejaram a elaboração do conceito de **transculturação narrativa** em face à própria mutação das formas regionalistas na história da literatura brasileira, buscou-se, na segunda seção, **Ángel Rama: transculturação narrativa e literatura regionalista na América Latina**, descrever o percurso intelectual do ensaísta uruguaio, tentando perceber, particularmente, como a sua conceituação emerge em um período histórico, o século XX, fortemente marcado por uma investigação dos modos como a literatura latino-americana retrata, em seu processo de formação, sob a dialética imposição e adaptação cultural, como nos mostrou Antonio Candido (1975). A segunda seção dedicou-se a compreender como o conceito de transculturação narrativa se oferece, produtivamente, como ferramenta de análise de obras constituídas no âmbito do regionalismo contemporâneo, como **O coronel e o lobisomem**. Para isso, expusemos os princípios que norteiam os três níveis de análise do conceito de Rama e nos debruçamos sobre os da cosmovisão e da linguagem no curso da história da literatura brasileira. Essa operação foi fundamental para, justamente, localizar a obra de José Cândido de Carvalho nessa tradição e, ao mesmo tempo, mostrar como problemas relativos às sínteses literárias entre o geral e o particular nas formas de expressão, questão tão cara às indagações de Rama, poderiam ser objeto de aproximação no âmbito da pesquisa.

Na terceira seção, **Processos transculturais em O coronel e o lobisomem: linguagem, cultura e poder**, procuramos compreender como a constituição de um estilo de escrita que oscila entre o erudito e o popular, entre as formas escritas e as orais, poderia ser motivada por um posicionamento político do próprio escritor, no sentido de não-hierárquico, de acolher de forma equânime e, sem preconceitos linguísticos formas de expressão oriundas de diferentes extratos socioculturais. A fim

de oferecer argumentos que dessem sustentação a essa dissertação, buscou-se recortar e analisar algumas passagens de **O coronel e o lobisomem** (1964), particularmente aquelas marcadas pela recorrência de alguns procedimentos vinculados à transcrição de traços de oralidade para o plano da escrita, como a incorporação de expressões populares e a construção de neologismos. O caráter político desse gesto, ao nosso juízo, residiria no modo como Cândido de Carvalho não só encena como o domínio da norma culta se constitui como um instrumento de poder, mas também como a própria elaboração do estilo do texto se mostra efetivamente democrática, ao fazer conviver formas linguísticas oriundas de diferentes matizes culturais.

Na quarta e última seção, **Processos transculturais em O coronel e o lobisomem: cosmovisão e cultura**, procuramos empreender uma investigação acerca dos sentidos politicamente constituídos pela presença de mitos na narrativa. Uma vez mais, buscamos compreender a dimensão política desse gesto, tendo em vista que, na perspectiva de Rama, o controle e as transformações assimilados aos modos de representação consistem em recursos para influir nas instâncias do poder. Por essa perspectiva, expusemos, em primeiro lugar, as passagens em que comparecem os mitos, com ênfase na figura do lobisomem, assim como as sutis transformações às quais esse mito está sujeito nas diferentes culturas em que ele comparece. Em um segundo momento, buscamos compreender a dimensão política de sua presença no romance, aspecto que procuramos evidenciar tanto por meio da análise de como José Cândido de Carvalho coloca em diálogo diferentes categorias de pensamento – o racional e o supersticioso – sem hierarquizá-las, como no modo como a figura do lobisomem se constitui como uma alegoria do próprio poder político e das práticas que o cercam, como a corrupção e a injustiça. Nesse sentido, como mostramos, o romance deve ser pensado na perspectiva do **realismo maravilhoso** latino-americano, tal como Irlemar Chiampi o define, enquanto um modo de figuração no limite entre o real e o fantástico.

Por fim, salienta-se que esse trabalho buscou reinserir no debate crítico, uma obra um tanto quanto esquecida, não obstante, fundamental na história da literatura brasileira, tanto por sua riqueza estética quanto pela sua verve política. **O coronel e o lobisomem** (1964), pela via da transculturação narrativa, pode, ao fim e ao cabo, ser pensada como uma **narrativa de narrativas**, tamanha é a sua habilidade na articulação de linguagens e histórias de diferentes matizes culturais. O romance dá

asas aos mitos; e, como afirma Maria Aparecida Schmitt, “Quando um mito cria asas, pode adejar a literatura nascida dos relatos populares de cada parte em que pousa” (SCHMITT, 2013, p. 233). O mito nos alimenta de vários questionamentos e reflexões, no que diz respeito aos aspectos culturais, educacionais, políticos e sociais. Ele reforça que tudo e todos estão entrelaçados em uma grande colcha de retalhos em que as relações são construídas e mantidas por todos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto pau-Brasil**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ARGUEDAS, José María. **Os rios profundos**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 2005.

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Gardini T. **Ángel Rama** – literatura e cultura na América Latina. Tradução Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana. **Ángel Rama**: um transculturador do futuro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **A nova literatura**. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1973.

AZEREDO, Milton M. **Vozes em branco e preto**: a representação literária da fala não-padrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BAGNO Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. Edições Loyola, São Paulo: 1999.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola** (Folk-lore). Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.

BENTANCOUR, Paulo. Humor e magia. **Jornal Rascunho** - Ensaios e Resenhas. [Online]. Pub. Ed. 106, fev.2012. Não paginado. Disponível em: <http://rascunho.com.br/humor-e-magia>. Acesso em: 16 fev. 2020.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Editora Scipione Ltda., 1992.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda. 1977.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARVALHO, José Cândido de. **O coronel e o lobisomem**. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1964.

_____. **O coronel e o lobisomem**. 3. ed. Capa e ilustrações de Poty. Rio de Janeiro: Gráfica José Olympio Editôra, 1970.

_____. **O coronel e o lobisomem**. 7. ed. Capa Eugênio Hirsch. Ilustrações do texto: Poty. Prefácio gráfico: desenhos de APPE. Rio de Janeiro: Gráfica José Olympio Editôra, 1971.

CASCUDO, Luís Câmara. **Coisa que o povo diz**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A. 1968.

_____. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1971.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura. Brasília: 1972.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. Brasília, INL, 1976.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978.

_____. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

_____. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed - São Paulo: Global, 2004.

_____. **Religião no povo**. 2. ed. São Paulo: Global, 2011.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. São Paulo: Humanitas Ed., 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

EGUTI, Claricia Akemi. **A oralidade de José Cândido de Carvalho em O coronel e o lobisomem**. 2008. 318 f. Tese (Doutorado em Letras).

Programa de pós-graduação em Filosofia e Língua Portuguesa / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FERREIRA, Avelino. **José Cândido de Carvalho, vida e obra**. Campos RJ: Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1985.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Guimarães Rosa. Folha Explica, **PubliFolha** - Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A., 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora: DP&A, 2005.

ILARI Rodoldo; BASSO Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

LEAL, Víctor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUFT, Celso Pedro. **Língua & liberdade**: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MEIRELLES, Silvia. **O livro das credices**. Textos de Silvia Meirelles, Design de Michelle Seddig Jorge. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORENO, Naiara Alberti. **O coronel e o lobisomem nas veredas da literatura regionalista brasileira**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

NINA, Claudia. **ABC de José Cândido de Carvalho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. Dono de uma prosa singular, José Cândido de Carvalho começa a ter sua obra reeditada. Rio de Janeiro, **O Globo**, Cultura, 24/01/2015. Não paginado. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/dono-de-uma-prosa-singular-jose-candido-de-carvalho-comeca-ter-sua-obra-reeditada-15134894>. Acesso em: 16 fev. 2020.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S.A.), 2002.

PESSANHA, Yvan Senra. **Campista**. Nem fiado, nem à vista. - A saga dessa gente que não se vende. Niterói: Imprensa Oficial, 1999.

PIEPER, Frederico. Sobre o conceito de religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org). **Religião e linguagem**: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

PINTO, Edith Pimentel. **A língua escrita no Brasil**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis de fala**: um estudo sociolinguístico do diálogo literário. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

RAMA, Ángel. **La generación crítica** (1939-1969). Montevideo: ARCA, 1972.

_____. **A cidade das letras**. Tradução: Editora Brasiliense S. A. São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1984.

RAMA, Ángel. **Las máscaras democráticas del modernismo**. Montevideo: Fundacion Angel Rama, 1985.

_____. **Rubén Darío y el modernismo**. Caracas: Alfadil Ediciones, 1985.

_____. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

REIS, Lívia de Freitas. **Transculturación e transculturación narrativa**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ROCCA, Pablo. **Conversa cortada**: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, o esboço de um projeto latino-americano - 1960-1983. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Edusp, 2018.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Lendas e mitos do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica**: Buenos Aires 1920 e 1930. Tradução e posfácio: Júlio Pimentel Pinto. Prologo: Sergio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHMITT, Maria Aparecida Nogueira. **Utopias transculturais na heterogeneidade latino-americana**. Montes Claros (MG): Editora Unimontes, 2013.

SENDRA, Arlete Parrilha. Olhando o autor pelo retrovisor - Ensaio, Cândido. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, BPP, Curitiba (PR), 2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Ensaio-Arlete-Parrilha-Sendra>. Acesso em: 02 maio 2020.

SOUSA, Marivalda Guimarães. O mito do Biatatá e suas variantes: considerações sobre literatura oral e o imaginário das águas. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade cultural e expressões regionais**: estudos sobre literatura, cultura e turismo. Ilhéus: Editus, 2006.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**; pesquisas de literatura oral e de linguagem popular. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.